REVISTA Sarau

volume 4 -número 10 - setembro/outubro de 2024 - ISSN 2965-6192

Música - Poesias - Crônicas - Contos - Artes visuais

https://revistasarau2.wixsite.com/website

@revistasarau

AUDIODESCRIÇÃO Edição setembro/outubro de 2024

Descrição da imagem: capa com fundo branco no formato retangular vertical. Na parte superior, “Revista Sarau”; “volume 4 – número 10 – setembro/outubro de 2024 – ISSN 2965–6192”; “Música – Poesias – Crônicas – Contos – Artes Visuais”; e o código de barras. À esquerda, o e-mail e o Instagram da Revista Sarau. Na parte central, no formato retangular vertical, a fotografia do poeta e jornalista, Oswald Barroso. Homem de pele clara, cabelos curtos e brancos, usa óculos de grau e bigode branco. Veste camisa de mangas longas em tecido, na cor branca. Os braços estendidos para frente e as mãos entrelaçadas; sentado com as costas apoiadas a uma almofada. Ao fundo, uma parede na cor cinza claro.

POLÍTICA DE DIREITOS AUTORAIS

Copyright © dos trabalhos pertencem aos seus autores. Todos os direitos reservados.

Os autores e artistas que publicam seus trabalhos na Revista Sarau concordam com os seguintes termos:
●. Os textos e imagens publicados na Revista podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que a utilização seja isenta de fins lucrativos e sejam preservados os nomes de seus autores e a fonte;
● O conteúdo de cada texto ou imagem, aqui publicadas, é de exclusiva responsabilidade de seus autores e tais conteúdos não refletem, necessariamente, a opinião da Revista;
● Toda participação na Revista Sarau ocorre de forma gratuita.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:
https://revistasarau2.wixsite.com/website

EXPEDIENTE

Volume 4 – número 10 – set. / out. de 2024
Fortaleza – CE – Brasil
Publicação Bimestral
Distribuição Gratuita: On-line

EDITOR CHEFE:

Nonato Nogueira

JORNALISTAS:

Tiago Rocha de Oliveira - Registro nº MTB/JP 01293-ES
Gerardo Carvalho Frota - Registro nº 1679-CE, em 21/03/2005. DRT 002936/00-92

CONSELHO EDITORIAL:

Afrânio Câmara
Luciana Bessa
Néia Gava
Elaine Meireles
Ivan Melo
José Roberto Morais

REVISÃO E NORMATIZAÇÃO:

Elaine Meireles

DIAGRAMAÇÃO:

Nonato Nogueira

CAPA:

Reprodução da foto de Oswald Barroso

AUDIODESCRIÇÃO:

Ana Paula Marques

CONTATO:

revistasarau2@gmail.com
Instagram: @revistasarau
https://revistasarau2.wixsite.com/website

A Revista Sarau é uma revista de Literatura, Música, Cinema, Teatro e Artes Visuais. É uma publicação eletrônica, de submissão aberta, publicada bimestralmente por escritores e artistas comprometidos com a divulgação da Literatura e da Arte em nosso país.

SUMÁRIO

5 Editorial
6 Evocação a Manuel Bandeira / Luciana Bessa
8 Vou-me embora pra Pasárgada / Manuel Bandeira
9 Arte Visual /Amauri Flôr
10 Elegia a Oswald Barroso / Jorge Furtado
11 A princesa do Cariri / Oswald Barroso
12 No Ceará é assim... / Nonato Nogueira
19 Costa Senna, o poeta de largas penas / Gerardo Pardal
20 Mariana de Lima (Jovelina Ceará) – A bela flor do sertão! / Ivonete Morais
21 Poeme-se / Carlos Nascimentto
22 Arte Visual / Ferreira Lima
23 O romance metalinguístico de Chico Buarque / Eduardo Fontenele
26 “Apesar de você”: uma crítica à ditadura com genialidade / Denilson Marques dos Santos
27 A poesia / Sophia Jamali Soufi
28 Entre versos metafóricos e Severinos, eis que se conhece João Cabral de Melo Neto / Néia Gava
29 João Cabral de Melo Neto e seus poemas às avessas / Denilson Marques dos Santos
30 O canavial com o vento / Sebastião Amâncio
31 A música cearense: Calé Alencar e Pingo de Fortaleza / Élcio Cavalcante
33 Arte Visual / Carlos Nascimentto
34 Coluna Escritoras Cachoeirenses / Néia Gava
35 Um homem imperdoável / Olivia Avelar
37 Juvenal Galeno, um cajueiro que floresceu / Elaine Meireles
39 Juvenal Galeno, além de seu tempo / Vanice Ricardo do Nascimento
40 A poesia / José Roberto Morais
42 Olhares de um reflexo: ao poeta Messias Nasch / Péricles Melo
43 Arte Popular / Nonato Araújo
44 Quadras de São João / Belchior Chaves
45 Ecos da Floresta / Diana Rech
46 Monge / Márcio Catunda
47 Literatura popular / João Teles
48 Os pássaros e as rãs / Marcos Abreu
49 Uma rosa desabrochou / Tristeza não tem fim / Lucirene Façanha
50 Os malditos / Péricles Melo
52 Quinas / Anderson Silva
53 A feira literária / Lucirene Façanha
54 A poesia / Pedro Vale
55 O peso morto do papel / Anderson Honorato
56 Coluna Mosaico artístico-cultural / Elaine Meireles
61 Ciranda cultural

EDITORIAL

Assistimos com alegria a Olimpíada de Paris 2024, onde atletas de diferentes origens demonstraram a humanidade, solidariedade, igualdade entre os seres humanos, validando a regra sagrada da vida de que pouco importa a raça, religião, cor, ofício de cada um. Esses atletas evidenciaram, para o mundo inteiro, a importância da superação de obstáculos, a busca da excelência, a valorização da união entre os povos e vivenciaram o espírito esportivo. De fato, os Jogos Olímpicos sempre inspiraram a unidade entre membros de sociedades distintas, múltiplas e até contrastantes. A integração se realiza através do respeito ao outro e se consuma com a plenitude e o sentimento de amizade.

A beleza e a alegria experimentada na Olimpíada Paris 2024 exige que retornemos às origens dos Jogos Olímpicos, em Olímpia, na Grécia Antiga. Promovidos em homenagem a Zeus e acompanhados de festivais religiosos e artísticos, como a música e a poesia, foram destaque nas obras ***Ilíada*** e ***Odisseia***, de Homero, que ressaltou a tradição oral, a cultura grega e várias modalidades de jogos. Da Grécia Antiga aos dias atuais muita coisa mudou, mas os princípios básicos permaneceram. Os Jogos Olímpicos marcam um período em que as competições entre atletas de diversas cidades/estados/países dão trégua às guerras, conflitos e promovem a Paz e a Unidade entre os povos, onde cada um dá o melhor de si.

A cada bimestre, através de seus colaboradores - “Atletas Escritores e Artistas” -, a Revista Sarau procura dar o melhor de si presenteando seus leitores com textos literários (contos, crônicas, poesias, resenhas,...), gravuras-pinturas-fotografias, revelando novos ângulos de escritores/ artistas renomados, bem como irradiando novas luzes a uma safra de inovadores artistas em seus mais variados ofícios. Assim como a Olimpíada Paris 2024, a Arte nos oferece momentos mágicos, nos convidando a saber perder e a saber ganhar, a saber dividir e a saber multiplicar, dando-nos o encantamento pela Vida, pela Paz e pela Unidade entre os povos. A Revista Sarau se empenha e convida cada um de seus leitores a ser essa ponte entre os jogos esportivos e o mundo lúdico, entre o mundo real e o mundo imaginário.

Congratulamos cada um de nossos atletas brasileiros, como aqueles que receberam a premiação de Medalha de Bronze, Medalha de Prata e, de modo especial, a Rebeca Andrade, a Beatriz Souza, Ana Patrícia Ramos, Eduarda “Duda” Lisboa pelas Medalhas de Ouro. E vamos rumo aos Jogos Paralímpicos 2024!

Tenham todos uma boa leitura!

EVOCAÇÃO A MANUEL BANDEIRA

Luciana Bessa

No poema “Para Sempre”, Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) questionou a ausência das mães, já que elas são luzes que não se apagam. Parafraseando o escritor *gauche* da Literatura, pergunto: “Por que Deus permite que os poetas vão-se embora?”, dado que eles são sujeitos sociais que além de retratar seu tempo e seu lugar, nos emocionam, nos embriagam com palavras, têm sede e fome do infinito.

Manuel Bandeira
Foto: Reprodução

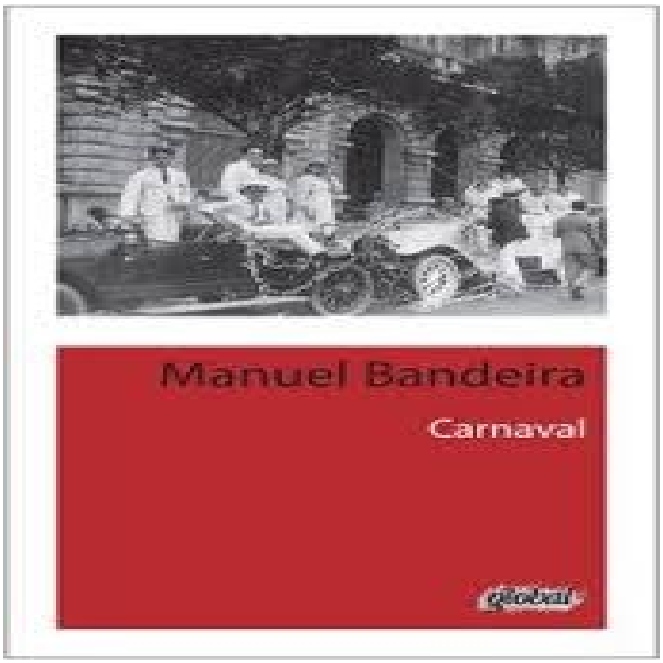
“Ser poeta é uma forma de estar no mundo”, diria Angélica Freitas para quem **Um útero é do tamanho de um punho** (2012). A encontrada por Manuel Bandeira não foi uma das mais fáceis, ainda que uma das mais pulsionais, embora ele tenha sido peremptório ao declarar: “A vida inteira que podia ter sido e que não foi” (Poema *Pneumotórax).*

Aos 17 anos, Bandeira descobriu uma doença nos pulmões - “Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos” - seguido de um diagnóstico: a morte. Na vã tentativa de lutar pela vida, afinal o poeta é um lutador (ao menos com as palavras), perguntou: “— Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?”. A resposta é cirúrgica: “Não” (Poema *Pneumotórax).*

Como “A única coisa a fazer [era] é tocar um tango argentino”, Manuel Bandeira, que tocava piano, violão e discorria com desenvoltura sobre música, resolveu escrever poesia, enquanto a indesejada das gentes não vinha buscá-lo.

Estreou com a obra **A Cinza das Horas** (1917) de cunho simbolista, em uma edição de 200 exemplares custeada pelo próprio autor. Seu segundo livro, **Carnaval** (1919), possuía o soneto “Sapos”, uma sátira ao Parnasianismo, escola literária que defendia uma arte sem emoção, a Arte pela Arte.

Chamado pelo escritor Mário de Andrade (1893-1945) de “São João Batista do Modernismo”, Bandeira não pôde comparecer a Semana de Arte Moderna, evento literário-cultural ocorrido no Theatro Municipal de São Paulo de 13 a 17 de fevereiro de 1922, mas enviou o poema “Sapos”, que lido pelo Ronald de Carvalho (1893-1935), foi vaiado pelo público e exaltado pelos artistas e intelectuais por sua irreverência e ousadia.



Capa do livro Carnaval
Foto: Reprodução

Depois da obra o **Carnaval** (1919), em que o poeta desejava **"**A gargalhar em douro assomo" (Poema *Bacanal*), beber e cantar asneiras, vieram mais dez valendo-se de versos e, outras dezoito em prosa, além das coautorias e as traduções, que incluem escritores como: Sóror Juana Inés de La Cruz, Friedrich Schiller, José Zorrilla, Bertolt Brecht, etc.

Manuel Bandeira
Foto: Reprodução

O terceiro ocupante da cadeira nº 24 da Academia Brasileira de Letras (ABL), era adepto do verso livre, de uma linguagem prosaica e fluída, e cultivou temas múltiplos em sua obra que vão desde a morte, a dor de existir, a infância, os amigos e o amor à terra natal, por isso fez uma "Evocação ao Recife", mas não se trata do Recife comparado à "Veneza americana", "Não o Recife dos Mascates", mas o Recife da "minha [sua] infância", onde tinha a "Rua da União", "Rua do Sol" e a "Rua da Aurora".

Em busca de seu "tempo perdido", tal qual o escritor francês Marcel Proust (1871-1922), Bandeira concebe seu próprio relato memorialístico em 1954 - **Itinerário de Pasárgada**. Dedicado aos amigos Fernando Sabino (1923-2004), Paulo Mendes Campos (1922-1991) e João Condé (1917-1971), que o impeliram a escrever, a obra é um desenho das experiências literárias do poeta, cujo único defeito, segundo o poeta Murilo Mendes (1901-1975), era "ser muito curto" para nos apresentar "tão longa vida".

Bandeira que preferiu o lirismo dos loucos ao lirismo comedido e bem-comportado (*Poética*), que enternecido sorria lendo as cartas de seu avô (*Cartas de meu avô*), que viu um bicho homem "Catando comida entre os detritos" (*O Bicho*), embora falasse pouco, criou palavras "Teadoro, Teodora" (*Neologismo*) capazes de nos transpassar.

Luciana Bessa - Doutora em Letras pela Universidade Federal do Ceará e membro da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno. Professora da Universidade Federal do Cariri (UFCA).

VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA

Manuel Bandeira

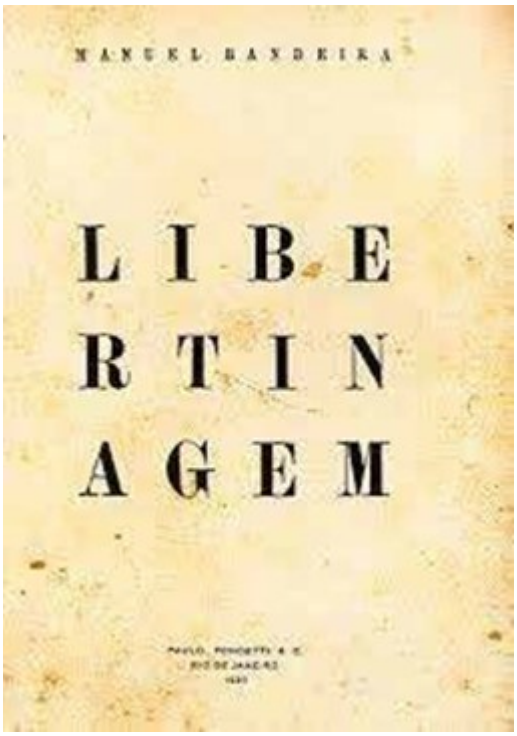


Foto: Reprodução

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcaloide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

Libertinagem (1930)

Manuel Bandeira (1886-1968) foi um escritor brasileiro, além de professor, crítico de arte e historiador literário. Fez parte da primeira geração modernista no Brasil.

ARTE Visual

Sim, a vida

Amauri Flôr
(83)987311306

REVISTA Sarau

v.4 n.10 set./out. de 2024 - ISSN 2965-6192

ELEGIA A OSWALD BARROSO

LITERATURA CEARENSE

Jorge Furtado

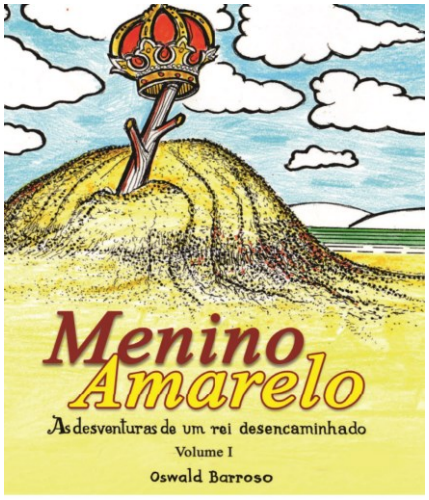


Foto: Reprodução

O menino amarelo

Encantou-se

Abraçou a imensidão

Para brilhar no teatro das estrelas.

Findou seus prantos,

Suas dores.

Libertou-se

Da prisão do corpo enfermo, efêmero.

Mas seu legado

Será sempre redivivo

Jamais sucumbirá no obscurantismo cultural.

Muito de si

Habita agora em nós

Que o admiramos e enriquecemos com a luz do seu saber.

Luz que será semeada em novos férteis chãos.

O menino amarelo

Cingiu-se da clâmide do arco íris

O menino amarelo…

O menino Oswald…

O menino Barroso…

Jorge Furtado é poeta, cordelista, compositor. Participou de algumas antologias, tem alguns cordéis publicados. Recentemente está divulgando nas faculdades e escolas, a adaptação em cordel ***da Fábula do Pote Rachado***, em português e esperanto. E-mail: poetafurtado2@gmail.com

A PRINCESA DO CARIRI

Oswald Barroso

Foto: Reprodução

O Crato é a Princesa do Cariri, título que dá a si mesma quem sabe por vaidade, figura de retórica de seus beletristas (que são muitos) ou talvez por conservar ainda hoje uma beleza que lembra a das sinhazinhas de antigamente. Sua feira, agora se estendendo ao longo da rua do canal, é ainda a atração das segundas, no Cariri. Adquirimos artefatos de flande e zinco, inclusive um belo fogão artesanal, panelas de barro, cadeiras de madeira com assento de couro e uma bela faca de cortar fumo. As mulheres da expedição compraram até vestidos para uso próprio. Alberto Aniceto, da famosa banda cabaçal, vendia pífanos de carregação na feira. Aproveitamos para marcar uma apresentação dos Irmãos Aniceto (talvez o mais interessante conjunto de música e dança popular do Ceará), no fim de semana, junto com o reisado das meninas, na Bela Vista.

Também no Crato, onde o povo ama o Pe. Cícero, embora a maior parte da elite o deteste, os artistas são muitos. Visitamos alguns deles, como o mestre xilógrafo Walderedo Gonçalves e os proprietários do Foto Saraiva, um dos mais antigos estúdios de fotografia em funcionamento no Estado. Os Saraivas retocam e colorem fotos a mão, não a lápis, como estamos acostumados a ver, mas ampliando a fotografia e recompondo a figura do retratado com tinta a óleo, o que torna o resultado uma verdadeira pintura. Na prática, a foto serve apenas de referência para o quadro que dela resulta. Recomendo para quem queira fazer um retrato imorredouro dos seus.

Vimos também artesãs de belas colchas de retalhos e de bonecas de pano e um ferreiro genial, perto do Posto Fiscal, no alto da Batateira. Suas peças mais interessantes são os ferros de marcar animais e rapaduras. Depois de prepará-los de acordo com a encomenda do freguês, ele os testa nas portas da sua oficina, o que faz delas algo de valor inestimável. Resultado, tivemos que requisitá-las para o Memorial.

Oswald Barroso (1947-2024) - Dramaturgo, poeta, jornalista, folclorista e teatrólogo brasileiro. Filho de Antônio Girão Barroso e Alba Cavalcante Barroso. Escritor, pesquisador de cultura popular e diretor teatral. Bacharel em Comunicação Social, Mestre e Doutor em Sociologia, pela Universidade Federal do Ceará. Professor de Antropologia da Arte, no Curso de Especialização em Arte e Cultura do Campo, da Universidade Federal do Cariri.

NO CEARÁ É ASSIM...

Nonato Nogueira

Na Fortaleza de concreto, pés descalços pisam o chão. Em terra batida a alma do poeta e do artista encontram a batida perfeita de um coração poético. Nossa cidade respira arte, poesia, cinema, teatro. Em nossa cidade habitam artistas destemidos, eternos cordelistas, gente talentosa, com seus fios finos de cabelos se entrelaçam no fio invisível dos versos e das rimas de um cordel ou de um livro de poesia. Nossa cidade é um conto, uma eterna crônica que encanta o ator, o diretor, o artesão. Conheça a história de cearenses que tecem poesia na sua arte todos os dias.

EM CENA

Foto: Divulgação

Um dia o Teatro abriu suas portas ao Mestre Djacyr de Souza, com suas lentes de fotógrafo amador, o professor, poeta, ator e sonhador transformou o espaço da, um local onde “em cena se ensina”. Aberta ao público da cidade, a exposição reuniu fotos coloridas de datas e períodos diversos. O nobre artista sempre se preocupou com os rumos do nosso teatro e sempre achou que os artistas são heróis desta história. Porém, às vezes, passam pela cena sem serem reconhecidos. A exposição “Em cena se ensina” procurou mostrar registros fotográficos de uma arte nobre e extremamente necessária em todos os momentos de nossa vida. Na verdade, foi um convite a ver o teatro e enaltecer aqueles que cuidam de gerar ensino a partir da expressão, da voz, da dramaturgia, dos figurinos, da coreografia, da iluminação, da sonoplastia e do público. A cena não se basta, há seres humanos cuidando dela e tudo é simplesmente um dos maiores legados da humanidade para ela própria.

Durante a abertura da exposição que aconteceu no mês de abril de 2022, Djacyr de Souza, abriu a exposição com a apresentação de sua performance intitulada “É Freire, é Ternura”, com dramaturgia, direção e encenação feita pelo próprio artista. O ator, diretor e produtor cultural, que também já traduziu Mandela para o teatro, com seu grito de liberdade e justiça social, um dia também já foi Mário Gomes, João do Vale, o poeta do povo.

Nosso dileto escritor, professor, ambientalista e locutor profissional é um apaixonado pelo Rádio. Foi presidente da Associação de ouvintes de Rádio do Estado do Ceará e um dos percussores das Rádios Comunitárias no Ceará.

O TEATRO CHOROU

Em abril de 2024, o teatro perdeu Giovanni Marsallis (1966-2024), nome artístico de Jeová Martins. Durante sua vida foi diretor, ator, dramaturgo, cineasta, roteirista e produtor.

Foto: Divulgação

Ao longo de sua carreira, o multiartista ministrou aulas em diversos cursos, entre eles o de *Preparação de Atores em Teatro e TV,* no Theatro José de Alencar. Dirigiu peças, como “Medeia” e a “Nova e Velha História”, de Eurípides, ajudando na formação de inúmeros atores e atrizes do Ceará.

Sua trajetória inclui ainda a interpretação de poemas húngaros em tradução portuguesa, unindo música, dança, poesia e atividades como roteirista na Noca Produções.

ARTE DE RESISTÊNCIA

Nonato Araújo, um homem cuja descendência Anapuru Muypurá, transcende as fronteiras da cultura popular. Sua alma indígena é carregada de pura poesia que se materializa na arte. Não uma arte cega, mas uma arte de olhos bem abertos, uma arte irreverente. Imagine uma pintura de um Saci que em seu estado natural, uma obra considerada imoral pelos conservadores de plantão. A irreverência do artista, nascido no povoado Boa Esperança, distrito de São Bernardo no Estado do Maranhão, é gigante como seu nobre coração.

Foto. Arquivo pessoal.

Será que a arte rebelde é ilegal, é imoral ou engorda? Nosso criador de rabecas rústicas e de belas xilogravuras afirma que não. Ele ri dos caretas, faz careta para os bestas.

Esse menino gigante, pai de um tal *Raimundim*, boneco falante, é o caçula de 12 irmãos. Como todo Nordestino é forte como um mandacaru, resistiu bravamente a seca. Ao lado de sua mãe e de seus irmãos trabalhou desde cedo na lavoura do milho, arroz, mandioca, feijão, fumo e algodão.

Um dia decidiu enfrentar a cidade grande. No início ralou muito na capital do Maranhão, trabalhou como vendedor de cartela de bingo, como pedreiro e até na construção civil. Como dizia o poeta: “Era ele que erguia casas, onde antes só havia chão. Como um pássaro sem asas, ele subia com as casas, que lhe botavam da mão”. Com os calos na mão, Nonato levantava as paredes de taipa das casas humildes do Bairro Areninha.

Em 2001, o pássaro soltou asas e voou, no seu voo ligeiro chegou em Fortaleza, começou como fotógrafo, depois como Artista Plástico. Já participou de diversos eventos artísticos no Brasil e no exterior. É uma figura bastante conhecida nos movimentos sociais, artísticos e culturais.

UM ARTISTA NATO

Carlos Nascimentto é natural de Amontada-CE. Um artista nato, aos 10 anos começou ler os clássicos da Literatura de Cordel deste Leandro Barros até Patativa. Na casa de seus avós paternos viu muitas farinhadas e cantorias. E em casas de seus tios maternos presenciou reisados, cirandas, folguedos de terreiro e histórias de Trancoso, Camões, Malasartes e João Grilo.

Foto. Divulgação.

Quase sempre um autodidata, aprendia tudo muito rápido. E por seu espírito rebelde e criativo, em Fortaleza, em pleno Regime Militar, transgrediu em todas as Escolas por onde passou, sendo expulso de uma delas como "aluno indesejado". Esse rapaz rebelde cursou Pedagogia na UECE. Foi Professor de Artes. Sua vida é uma arte, em verso e prosa. Um artista nato. Esse é Carlos. De 1984 até os dias atuais vem acumulando muitos prêmios.

Esse poeta e artista visual possui dezenas de Menções Honrosas, e participações em verso e prosa em mais de 20 Coletâneas físicas ou digitais. No mundo publicitário teve uma participação valiosa. Foi sócio presidente da N&G Comunicação e Marketing, onde na década 80 produziu produtos diversos para o mercado. Foi finalista do Concurso Internacional para a criação da logomarca do Directory Internacional of Writers and Artists, sediada na University of Colorado, at Bolder, USA.

O poeta, artista e publicitário também brilhou no universo musical. Em 1987 foi premiado com o melhor samba de enredo do Carnaval de Itapipoca. Em 1991 obteve o 1° lugar - melhor samba de enredo do Carnaval de Itapipoca pela Escola Vila da Imperatriz. Tirou o 3° lugar no FIC - Festival Imperatriz da Canção - lugar que causou revolta na cidade, com manifestos escritos e declarações em rádio, ante o suposto erro dos jurados. Em 2013 foi premiado com o 1° lugar nacional de letras entre mais de 3.000 concorrentes, para compor sobre melodia de Daniela Mercury e sob patrocínio da Mastercard - 2013.

Nas artes visuais participou de exposições coletivas e individuais. A mais recente foi a 13ª MOSTRA 8 DE MARÇO - Desenho - CCBNB - ASSOCIAV - Galeria BNB - Fortaleza - 2024.

Publicou no Jornal O POVO mais de 6O poemas e contos entre a década 80/90. É autor de vários livros e participou de antologias e revistas diversas.

Esse é Carlos Nascimentto, um homem completo. De poeta a professor, de artista a líder sindical. Um homem que não para de produzir. Um ator social, do tempo presente.

A ROSA DAS LETRAS E DA ARTE VISUAL

Rosa Morena é natural de Itapipoca-CE. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará, com Especialização em Organização e Gestão da Educação Básica pela Universidade Federal do Ceará. Formação em Arteterapia pelo Instituto Aquilae. Aluna na Especialização em Arteterapia e Arte-Educação na Universidade de Fortaleza -UNIFOR

Essa escritora, possui dez livros publicados e é uma artista visual que transita pela colagem e aquarela. Em 2019, recebeu o 1° lugar no XXI Prêmio Ideal Clube de Literatura - Prêmio José Telles, com o conto *A Fragilidade dos Laços* e teve o seu conto *A Terceira Morte* selecionado no Prêmio de Literatura da UNIFOR, na categoria Trabalhos Inéditos. Em 2021, foi selecionada no

Prêmio Off Flip também na categoria conto. Participou de diversas antologias e tem publicações nas revistas: Revista Cultural Traços, Ruído Manifesto, Contos de Samsara, Mirada Janela e Mal de Ojos (Internacional). Organizou as coletâneas "*Toda palavra sentida"* e "*Cenas para escrever teus olhos"*, onde é também coautora.

Foto: Divulgação

Em 2022 publicou o livro de contos "Do Outro Lado da Rua". Esse livro teve um profundo comentário feito pela jornalista Mônica Silveira:

> "Do Outro Lado da Rua", livro de estreia no gênero do conto da talentosa escritora Rosa Morena. A solidão dos sentimentos, a solidão do medo, a solidão da traição, a solidão do abandono, a solidão do luto, a solidão da dor. Mas não se assuste, o livro, embora forte, aborda esses temas com leveza, com frases curtas e acima de tudo com muita poesia".

E como diz o prefaciador da obra, o premiado escritor Carlos Vazconcelos, para a autora não basta contar histórias. Um escritor precisa criar arte, tocar o coração. E se você é desses leitores que gostam que toquem seu coração, nos livros da Rosa você encontrará uma excelente leitura!

MESSIAS NASH

Em abril de 2024 um acidente fatal provocou a morte de Messias Nash, nome artístico de Manoel Messias Rodrigues Costa. Esse jovem professor e mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará, deixou uma rica produção literária.

Foto: Divulgação

Para o jovem atleta e praticante do ciclismo há uma atmosfera muito nova em "O Despertar de Um Dia". Há uma incontestável fome do povir, acompanhada de um entendimento maduro do passado.

Messias era alegre, divertido, amigo de todos. Sua obra "Reflexos de um olhar", trata de um olhar muito singular sobre as relações cotidianas, sobre o modo como trocamos nossas vidas com as pessoas e as coisas transformadas pelas mesmas e outras pessoas. Trata-se de um reencontro com suas dores, com suas angústias, com seu afã transformador diante de uma sociedade que adoece um pouco a cada dia. Mais do que uma compilação de escritos produzidos ao acaso, é o registro de uma alma que busca, incessantemente, manter e alimentar o senso crítico acerca do mundo ao seu redor, nas possibilidades de florescimento e aprofundamento das relações.

O jovem escritor era também um crítico do sistema. Em sua obra "As armas do capitalismo", conta a história do capital em uma visão Marxista e Hobsbawniana, revela a magia capitalista em seus pormenores, desde o fim do feudalismo até o início da globalização. O livro narra como o capitalismo surge, desenvolve-se, transforma-se, multa-se, molda-se, adapta-se, e cria perspectivas, estruturas, gostos e necessidades nessa sociedade condenada a submergir em seus encantos e armadilhas.

CORDEL VIVO DE MARIANA E O RISO DE JOVELINA

Maria de Lima é o nome artístico da cordelista, filósofa, dramaturga e arte educadora Maria Pastora de Lima, que por vezes também se apresenta como Jovelina Ceará, uma personagem que criou para suas performances teatrais ligadas ao humor, outra grande paixão sua.

Foto: Divulgação

Natural de Amontada-CE, filha de pais agricultores, Mariana teve "o seu grande encontro" com a Literatura de Cordel ainda criança. Naquele longínquo rincão, a arte se fazia presente, nas noites de lua ou debulhas, escutava, declamava e criava seus próprios versos. Nessas noites e dias de sonho nasceu a artista, a escritora Mariana de Lima.

Mariana de Lima possui 6 obras publicadas em Literatura de Cordel. Durante a pandemia escreveu os cordéis intitulados como: E AGORA MULHER? Um cordel que aborda a questão do machismo que por ocasião do isolamento social teve um grande números de violência doméstica, e outro sobre o coronavírus. Mariana de Lima é autora de duas peças de Teatro (comédia crítica) que abordam problemas sociais; "Quatro Mulher e Uma Fofoca" e ' A Dança dos Falidos".

Em suas práticas e escritas têm se aliado a muitas mulheres escritoras, especialmente como parte da “Rede Mnemósine de Mulheres Cordelistas, Cantadoras e Repentistas”, entidade com ações no Brasil e em Portugal, que também é um movimento nacional atrelado à produção feminina na Cultura Popular e tem propiciado a Mariana e diversas outras mulheres a difusão, publicação e expansão de ações em coletividade feminina.

O HOMEM DOS GALOPES

Chico Fábio é o nome artístico de Francisco Fábio Bezerra Tomaz, poeta cordelista nascido em Crateús -Ce. Escreve poesias populares utilizadas sobretudo por cantadores, como, galopes à beira mar, martelos e outros estilos, deixando claro que não é improvisador e sim poeta de bancada. Atualmente consta no livro Política *na Literatura de Cordel*, do grande pesquisador e jornalista cearense Alberto Perdigão, com o cordel *O golpe* (sobre Dilma Roussef). Tem trabalhos publicados na coletânea de Gilmar de Carvalho, de 2012, editada pela Fundação ao Demócrito Rocha chamada de *Cordel Canta Patativa;* na coletânea do Nando Poeta de Natal RN, versando sobre o tema *Ditadura nunca mais* (a ser lançada em breve). Chico Fábio já conta com cerca de 80 cordéis publicados, e mais um no prelo a ser lançado em breve intitulado *Cordel do Fim do mundo*, em 62 sextilhas, onde faz uma reflexão sobre o aquecimento global e avanço da Inteligência Artificial, que pode desencadear o fim dos tempos.

E OS PARDAIS?

Como voaram alto os seus sonhos!
Quando era pardalzinho
Suas asas alçavam
Voos elásticos
Voos fantásticos

Gerardo Pardal, um piauiense de Campo Maior, radicado em Fortaleza. É professor, poeta, escritor, cordelista e trovador. Membro da Academia Piauiense de Literatura de Cordel e presidente do Centro Cultural dos Cordelistas do Nordeste – Cecordel. É autor dos livros: "São Francisco do Povo: ontem e hoje", editado pela Editora Vozes em 1987; "Cultivos da Terra cantados em versos populares", pela Editora La Barca, 2010 (Prêmio Mais Cultura Patativa do Assaré pelo Ministério da Cultura); "*A borboleta Lilica e o Grilo Criqui*", Prêmio PAIC pela Seduc CE, 2011. Autor de mais de 90 títulos de cordéis educativos e de crítica social, abordando tema ligados à natureza e defesa da vida. Prêmios: Seduc-CE.UBT-CE. ABLC-RJ, SECULT, UFPB, Volvo do Brasil e outros como cordelista e trovador.

A ARTE DE SER

Luís Carlos Rolim de Castro (Lucarocas) é editor, escritor, professor, poeta, comunicólogo, artista eclético. Nasceu em Fortaleza – Ceará. No sangue traz a nuance da arte, da criação e diversidade produtiva, elementos herdados do pai artista circense. Desde cedo tem a leitura como hábito. Cresceu lendo e ouvindo literatura.

Esse escritor e poeta é Membro do Centro de Cordelista do Nordeste – CECORDEL, da Academia Metropolitana de Letras de Fortaleza – AMLEF, atualmente na função de Secretário, onde ocupa a cadeira de número onze, e tem como patrono Patativa do Assaré. Membro coordenador do Pró-cordel, o Cordel em movimento, e é sócio honorário da SOBRAMES – Sociedade de Médicos Escritores. Sua produção de cordel possui mais de quatrocentos folhetos publicados. Alguns dos seus trabalhos estão gravados em áudios em CDs Intitulados: *Íntimo Amor Utópico*; *Sedução Prazer do Amor*; *Encontro Visão de Luz*; *Diversos Risos*; *A Mala de Prosa e Versos*.

POETA, CORDELISTA E XILÓGRAFO

Guaipuan Vieira é poeta cordelista, xilógrafo e radialista. Desde 1976 se dedica à literatura de cordel. Autor de vários folhetos de cordel, alguns premiados e com destaque na imprensa nacional e internacional. Cordéis que focalizam o apocalipse figuram no corpo da tese de doutorado da professora Emmanuelle Delebosse, da Universidade Antilles Guyane, de Martinique, França. Autor de canções gravadas pelos repentistas Antônio Jocélio e Zé Vicente. Em 1987, fundou o Centro Cultural dos Cordelistas do Ceará – Cecordel, entidade que contribui sobremaneira para o enriquecimento do cordel no Nordeste. Recebeu da Casa de Arte ASAUF (UFC) o certificado "Cidadão 92", destacando-se como poeta da resistência, por ter contribuído com o Movimento de Poesias do Ceará do Polo Cultural do Benfica. Em 2004, no Festival Internacional de Cantadores, em Quixadá – Ceará, foi outorgado pela Academia Brasileira de Literatura de Cordel, com a Medalha de Mérito pelo reconhecimento do trabalho prestado em prol da Literatura de Cordel no Ceará.

A ARTE DE JORGE

Jorge Alfredo de Oliveira Furtado é um poeta de estilo livre e cordelista de grande lavra. Tem publicados: *Casulo de esperanças* (2000), *O sertão dos lampiões e a capitá dos apagões* (2001 – capa de Audifax Rios), *Poemas para quem crê no amor* (2004), *Lamentos de um candidato* (2008), *Romance e martírio da bela Inês de Castro* – em parceria com Klévisson Viana (2014), *Patativa do Assaré – pássaro eterno* (2010), *Paulo Freire, o pedagogo dos oprimidos* (2012), *Binho, o*

menino que aprendeu a amar os passarinhos (2013), *Sublimação* – em parceria com o Poeta de Meia Tijela (2015), *Espelhos* (2016), *O menino e o ukulelê e outros poemas* (2018). Tem poemas e cordéis nas coletâneas *Explosões de poesias* – Macaé – Rio de Janeiro (1990), *Antologia poética cearense* (1999), *Poetas da Praça do Ferreira* – organização de Márcio Catunda (2018), *Almanaque Literário do Ceará* (2019). Foi laureado com o segundo lugar no certame literário Prêmio Gerardo Dimas Mateus. com o cordel *Lamentos da natureza* – cidade de Russas – estado do Ceará (2011), Menção honrosa na Antologia Poética do Ideal Clube de Fortaleza, com o poema “Balada ao forasteiro” (2010).

A SAGA DE UM CANTOR, ATOR E POETA

O trabalho de Costa Senna é composto por literatura de cordel, música, provérbios, 'causos', informações e brincadeiras que formam o universo cultural brasileiro.

Foto: Arquivo pessoal.

Nascido em Fortaleza, radicado em São Paulo, Costa Senna aborda em seu trabalho temas socioculturais, ecológicos e multidisciplinares. Em suas performances mostra a versatilidade de um artista que traz na alma a linguagem de fazer o povo rir e pensar.

Iniciou sua vida artística no final da década de 70, tendo saboreado na infância e parte da adolescência, da genialidade dos repentistas, contadores de histórias, sanfoneiros e cordelistas.

No teatro atuou em várias peças, e no cinema, no curta metragem, *As aventuras de Raul Seixas na cidade de Thoth*, de Jairo Ferreira. Foi personagem dos documentários sobre Paulo Freire, "Educar para transformar" e “Nísia, Paulo e Josué – oficina de memória”, ambos da cineasta Tânia Quaresma.

Atua representando, declamando, tocando violão, cantando... em trabalhos solo ou acompanhado por seu Grupo Unir Versos. Gravou os CD's “Moço das Estrelas”, “Costa Senna em Cena”, “Fábrica de Unir Versos”, “Cante Este Refrão Por Aí” e “A Palavra Despida”.

Esteve em programas da TV Globo, TV Cultura, TV Record, TV Gazeta e em outras emissoras. Vários jornais e revistas do país publicaram matérias sobre o seu trabalho. Foi um dos apresentadores dos *Cem Anos da Literatura de Cordel no Brasil*, no SESC Pompéia - São Paulo.

Foi um dos fundadores e curador do *Sarau Bodega do Brasil*, que incentiva, divulga e forma público para as manifestações artísticas, e o levou a ser um dos representantes do Brasil na 40ª Feira Internacional do Livro de Buenos Aires, em maio de 2014.

Cantor e compositor, Costa Senna funde o universal ao regional, com influências tão inusitadas como Luiz Gonzaga, Raul Seixas, Belchior, Alceu Valença, o rap urbano e o repente dos grandes cantadores nordestinos. Como humorista, fez sucesso com o espetáculo *Ria até cair de Costa*.

Nonato Nogueira é mestre em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e autor de livros de Literatura Infantojuvenil e didáticos de Filosofia para crianças e adolescentes e de História. Organizou cinco antologias de poemas, crônicas e contos. É autor de três livros de poemas, publicados de forma independente. Escreve poemas e crônicas. Seu último trabalho é o livro de contos *O homem que morava dentro de si.*

LITERATURA DE CORDEL

COSTA SENNA, O POETA DE LARGAS PENAS

Gerardo Pardal

Vou falar de Costa Senna
Um cordelista um ator
Nascido aqui em Fortaleza
Compositor escritor
Hoje mora lá em São Paulo
Grande poeta e cantor.

Senna é sociocultural
Se envolve com ecologia
É multidisciplinar
Traz na alma só alegria
Faz o seu público rir
Feito um gênio em cantoria.

É um contador de histórias
Tantas sanfonas tocou
Várias peças de cinema
E no teatro atuou
É assim um artista inato
Que este Ceará gerou.

Inicia sua vida artística
La pelos anos setenta
E na maior capital
Deste Brasil ele tenta
Cada poros do seu ser
Uma arte salienta!

Raul Seixa é seu ídolo
Dele é um estudioso
A maioria de suas obras
É um canto valoroso
Ao famoso rei do Rock
De nome espetaculoso!

Aventuras de Raul Seixas
Foi peça em curta metragem
Que Costa Senna atuou
Começando sua passagem
Pelo teatro e o cinema
E aí não fez mais paragem.

"Nísia Paulo Josué
Oficina de memória
Educar pra transformar
Pro cinema é cada história!
Tânia Quaresma quem escreve
Costa Senna tem sua glória.

Além de livros cordéis
O artista se eleva e canta
Nas cordas do violão
O poeta sempre encanta
Cada vez de palco em palco
A plateia se levanta!

É também compositor
O poeta usa os versos
Com vários CDs gravados
Dos versos dos universos
Que penetram em sua mente
Em contatos mais diversos!

Um é "Fábrica de Unir Versos"
Outro é "Costa Senna em cena"
Tem "Palavra despedida"
"Lampião mira e encena
Do inimigo" é um DVD
E assim Costa Senna acena.

Gerardo Pardal é poeta, escritor e cordelista. Membro da Academia Piauiense de Literatura. Presidente do Cecordel. Autor de mais de 9º títulos de cordel educativos e de crítica social abordando temas ligados à natureza e à defesa da vida.

LITERATURA DE CORDEL

MARIANA DE LIMA (JOVELINA CEARÁ) - A BELA FLOR DO SERTÃO!

Ivonete Morais

Pretendo neste cordel
Com afinco homenagear
POETISA MARIANA de LIMA
De caráter exemplar
Cordelista e humorista
É uma excelente artista!
Da cultura popular.

Cearense de Amontada
Filha de pais generosos
José Barbosa e Raimunda
Foram sempre carinhosos
Predominou a humildade
Não faltou habilidade
Desses pais tão virtuosos.

Sua infância foi na roça
Plantava milho, feijão
Com seus irmãos e seu pai
Era aquela animação.
Com tarrafa e anzol pescava
E banho nos rios tomava
Era boa a curtição.

Também subia nas árvores
E entre os galhos pulava
Pegava frutas com a mão
E seus animais levava
Ela e os irmãos riam à toa
Bebendo água na lagoa
Era assim com eles brincava.

Tralhava em farinhada
Na cacimba água pegava
E com o pote na cabeça
Pra cozinha ela levava
E apostava até corrida
De jumento era a saída
Bem alegre ela ficava.

Quando chegava a noitinha
Vinha aquela vizinhança
Debulhar todo o feijão
Não existia cobrança
Era um seu entretenimento
Nada disso aqui invento
Vai ficando na lembrança.

E à luz de candeeiro
A Mariana contava:
Anedota e lia cordel
Pra cada um que ali estava
Era história de trancoso
Tudo era fabuloso
Seu talento ela mostrava.

Ela fazia paródia
Lia Cordel e escrevia.
E num radinho de pilha
Música brega ela ouvia
E forró do Gonzagão
Tocava no violão
As músicas que ela sabia.

A sua mãe era mestra
Instruía catequizava
Datas comemorativas
Ela sempre festejava
Mariana a auxiliar
Pra as festas comemorar
Competência ela mostrava.

Veio para Fortaleza
Como humorista começou
Foi conquistando os espaços
No mundo da arte ampliou:
Exímia atriz, cordelista!
Faz parte da melhor lista
Que essas artes: abraçou.

Jovelina Ceará
É humorista arretada!
Sua forma de fazer rir
É sempre muito engraçada.
Seu humor é inteligente!
Estimula toda gente
Com uma boa piada.

Em Filosofia é:
Duplamente graduada
Pela Universidade (UFC)
Bacharela licenciada
Especializada em arte
Educação é seu baluarte
Talentosa na jornada.

É uma excelente docente!
Do ensino superior
É uma arte terapeuta
Profissional de valor
Dramaturga e escritora
Tem a vida promissora
Do sertão é bela flor!

Estudante de Mestrado
Curso de Psicologia
Sempre em busca do saber
Com real sabedoria
E com seu jeito esforçado
Terá um bom resultado
Pela sua primazia.

É amante do cordel
Para o humor enveredou
Por seus dotes naturais
Que Deus a presenteou
Sua sensibilidade
Ganhou notoriedade
Toda plateia aprovou.

Ao se apresentar no palco
Ela é mesmo genial!
Vai conquistando o seu público
De maneira natural
Na arte e com maestria
Vai transbordando alegria
Ela é mesmo especial!

Parabéns! pra Mariana
Que é uma mulher guerreira
Talentosa, competente
Com sua vida altaneira
Ela tem boa memória
Sua presença é notória
Na gloriosa carreira.

Ivonete Morais é poetisa e cordelista. Sócia da Associação dos Escritores Trovadores Folheteiros. É autora do livro Beleza poética em versos rimados e de diversos livros de cordéis.

POEME-SE

Carlos Nascimentto

DA ARTE E SEU PAPEL ESSENCIAL

A ARTE - que não trabalha
Por beleza e liberdade
É fogo fátuo de palha
Não serve nem de metade
Ao ser humano atrapalha
Do ego é triste medalha
Não promove humanidade.

A ARTE - que não procura
Espalhar a poesia
De humanística postura
De farta cidadania
Se aproxima da loucura
De alienação e usura
É sagaz demagogia.

METAPOÉTICA

A palavra é o tijolo
da olaria poética.

E o trabalho mais duro
que se moldar o tijolo,
é dele encontrar no muro
aquele lugar exato.

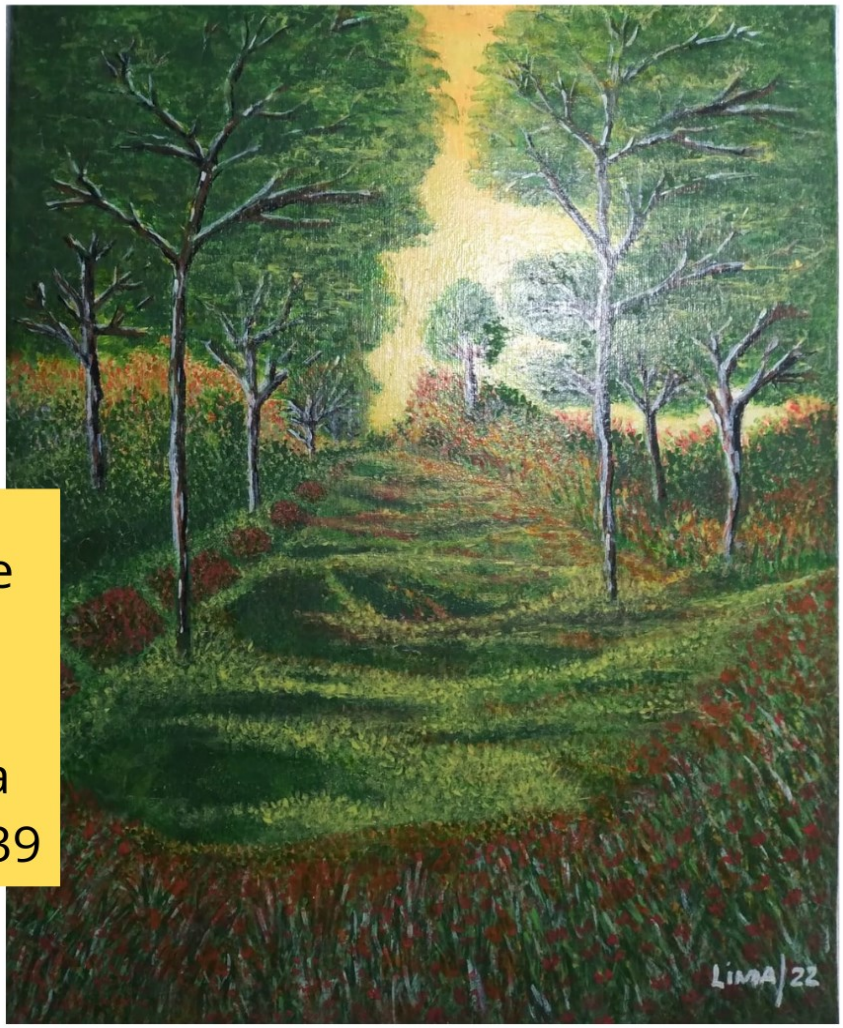
O POETA E O LOUCO

O poeta é um louco
que conhece a razão dos lunáticos.

O louco é um poeta
que conhece a loucura dos sãos.

Carlos Nascimentto - Professor Pedagogo, Especialista em Educação, Pós-Graduado em Planejamento, poeta, escritor e artista visual. Membro do Cecordel, ACE, UBT e outras.

ARTE Visual



Pintura sobre
tela 40x60
Paisagem
Ferreira Lima
(85) 9 89111739

REVISTA Sarau

v.4 n.10 set./out. de 2024 - ISSN 2965-6192

RESENHA

O ROMANCE METALINGUÍSTICO DE CHICO BUARQUE

Eduardo Fontenele

O romance “Budapeste”, de 2003, de Chico Buarque, é uma obra-prima da concisão verbal. O texto é enxuto e conciso, como um autêntico livro de autores como o americano Ernest Hemingway (1899-1961) e o brasileiro Graciliano Ramos (1892-1953). Os dois eram autores reconhecidos por sua economia nas palavras e secura nos sentimentos.

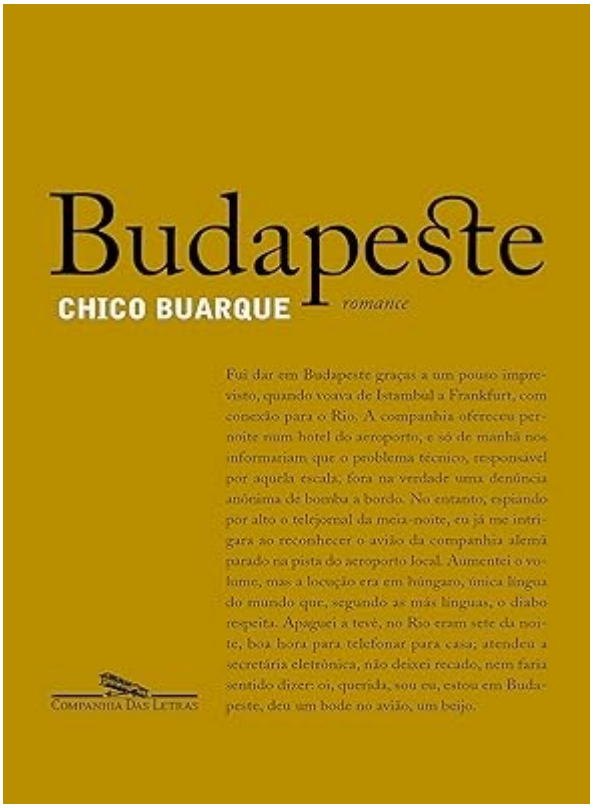


Foto: Divulgação

Iniciei o texto falando de escrita, porque o livro de Chico trata basicamente disso. O centro da narrativa é a linguagem, pois se trata de um romance metalinguístico. A metalinguagem está presente até nas capas do livro. A quarta capa reproduz a capa principal do livro, só que está escrita em húngaro. O húngaro é a língua que o narrador/protagonista luta para dominar. Ele vive entre dois mundos e entre dois idiomas. Parabenizo a Companhia das Letras e o capista da editora Raul Loureiro pela sacada genial referente aos dois idiomas. Segue uma mostra da capa e da contracapa do livro de Chico para o leitor apreciar o trabalho primoroso da editora e de seu artista gráfico.

Outra questão digna de nota sobre o livro é que Chico não coloca travessões antes das falas das personagens. As falas são posicionadas com o corpo do texto, ou seja, diálogos e narração vão juntos, sem nada que os separe. O artifício utilizado pelo autor deixa o texto mais atraente, do ponto de vista estético, e nem um pouco confuso. Dá para separar perfeitamente o que é a fala da personagem e o que é a voz do narrador em primeira pessoa.

Agora vamos tratar do enredo do romance. José Costa, o protagonista, vive uma existência medíocre como ghost-writer de uma empresa onde tem sociedade com um amigo chamado Álvaro. Ghost-writer é um escritor que vive nas sombras, pois é contratado para escrever livros, geralmente biografias, de pessoas importantes que não têm domínio da escrita para poderem escrever sozinhas seu próprio livro. O ghost-writer não pode assinar seus textos, nem seus livros. Quem leva os créditos são o biografado. José Costa lida bem com seu anonimato. Essa condição não é uma questão para ele.

Mas tudo muda quando ele conhece o alemão Kaspar Krabbe, que o contrata para escrever sua biografia. Outro fator que modifica a rotina medíocre do protagonista é sua primeira viagem a Budapeste, onde ele conhece Kriska, sua futura amante. A maneira como ele e a moça se conhecem ocorre devido à literatura, pois ela trabalhava em uma livraria. A maneira como o relacionamento terminará também terá relação com a literatura, episódio que explicarei mais adiante.

Ele deixa Vanda e Joaquim, sua esposa e filho, no Brasil e se muda para Budapeste para viver um caso apaixonado com Kriska. Sua existência em Budapeste espelha sua vida no Brasil. No país europeu, ele se junta com Kriska e se torna uma espécie de pai para Pisti, filho de Kriska. O ex-marido de Kriska, e pai de Pisti, é mencionado em algumas passagens, porém não chega a surgir em cena. Ele terá alguma importância na história próximo do fim do livro.

Costa adota uma versão húngara de seu nome, em Budapeste ele passa a assinar como "Zsoze Kósta". Em Budapeste, há um poeta em decadência, chamado Kocsis Ferenc, para quem José escreve um livro como ghost-writer. Assim como aconteceu com "O Ginógrafo", autobiografia que ele escreveu para o alemão no Brasil, seu livro de poemas "Tercetos Secretos" se torna um sucesso de vendas e de crítica. Seu sonho de vida ordinária com Kriska e Pisti se esfacela quando ele humilha outro escritor em um sarau e é denunciado como imigrante ilegal. Um policial vai até José e o expulsa do país.

O relacionamento com a moça húngara teve fim devido a ela fazer pouco caso do livro "Tercetos Secretos", escrito por Kósta. Ela lhe disse que era literatura húngara escrita por um estrangeiro, ela falou isso mesmo sem saber que o amante era o autor do livro. Kósta se enfureceu com o comentário de sua companheira. O que abalou sensivelmente a relação dos dois. Retomada já perto do fim do romance.

No Brasil, Costa suspeita que Vanda tenha um caso com o alemão Krabbe. Próximo do fim do livro, Costa descobre o que ocorreu com seu filho Joaquim, e é um destino não muito agradável para um pai saber sobre seu filho. Vanda é uma jornalista em ascensão no jornalismo televisivo, enquanto Costa se torna um pobre-diabo que luta para sobreviver após ter sido enganado pelo sócio e sido expulso de Budapeste.

Mas o fim do livro é otimista e o futuro do protagonista é promissor, apesar de seus dissabores no decorrer da narrativa. Costa volta a Budapeste com a ajuda de Kocsis Ferenc, após passar por mal bocados no Brasil. Ele faz uma descoberta das mais inusitadas, ele descobre que o ex-marido de Kriska preparou-lhe uma surpresa, que não vou declinar, para não estragar a surpresa de quem ainda não leu o livro de Chico. Só posso adiantar que remete à metalinguagem do romance do escritor e compositor carioca.

Foto: Divulgação

Texto escrito em homenagem aos 80 anos de vida do consagrado compositor da música popular brasileira Chico Buarque de Holanda. Chico já tinha uma carreira consolidada na canção popular quando passou a enveredar pela literatura, principalmente pelo romance, mas também pelo teatro, pelo conto e pela literatura infantil. O cantor foi agraciado com o prestigioso Prêmio Camões em 2019 por sua contribuição para a Literatura em Língua Portuguesa. A entrega do Camões teve de ser adiada até a saída do governo de extrema-direita que governou o Brasil por quatro anos. Chico é conhecido por sua militância de esquerda, por isso o ex-presidente Jair Bolsonaro se recusou a entregar o prêmio a ele. O artista só recebeu o prêmio em 2023, depois que Lula assumiu seu terceiro mandato de presidente da República.

Foto: Divulgação

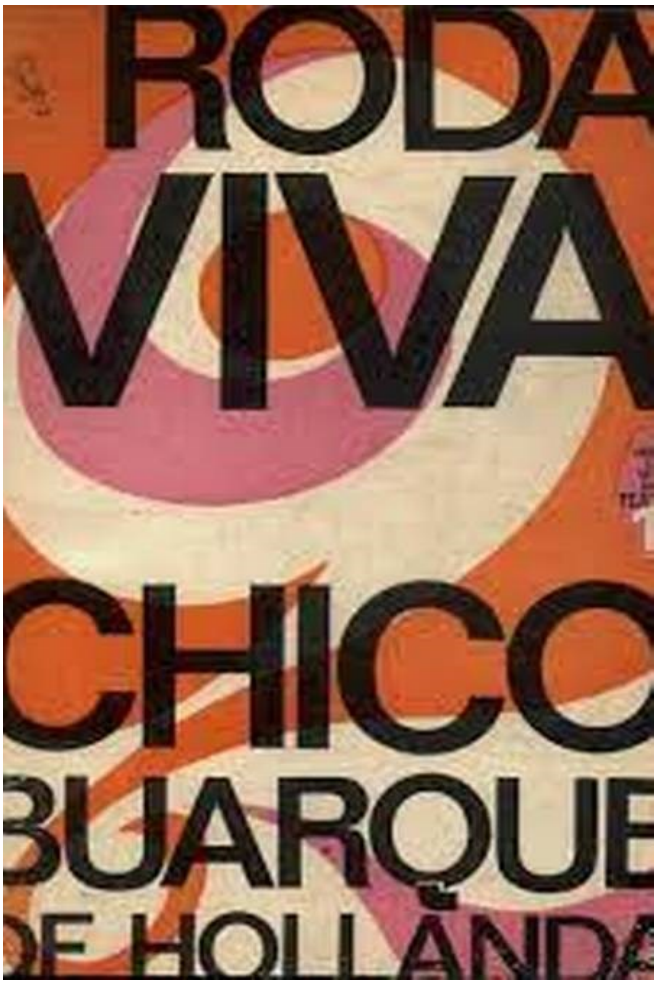


Foto: Divulgação

Chico escreveu “Roda Viva” (1967), “Calabar” (1973), “Gota D’água” (1975) e “Ópera do Malandro” (1978) para o teatro; o livro infantil “Chapeuzinho Amarelo” (1979); a novela “Fazenda Modelo” (1974); e os romances “Estorvo” (1991), “Benjamin” (1995), “Leite Derramado” (2009), “O Irmão Alemão” (2014) e “Essa Gente” (2019). Seu primeiro livro de contos saiu em 2021, com o título de “Anos de Chumbo e Outros Contos”. Seu mais recente trabalho é o romance autobiográfico “Bambino a Roma”, de 2024.

“Budapeste” foi adaptado com sucesso para o cinema em 2009, dirigido por Walter Carvalho. José Costa foi interpretado pelo ator Leonardo Medeiros, o que causa estranheza, porque o ator é bastante diferente da imagem do personagem criada pelo livro de Chico. No romance, Costa é calvo e está acima do peso. Mas no cinema são permitidas certas licenças poéticas, afinal, Literatura e Cinema são mídias diferentes, o que funciona em uma mídia pode não funcionar em outra. Já Vanda foi interpretada pela bela Giovanna Antonelli, Álvaro foi interpretado pelo ator Ivo Canelas, Kriska foi vivida, muito apropriadamente, pela atriz húngara Gabriella Hámori e Kaspar Krabbe pelo ator holandês Antonie Kamerling. Uma história interessante e trágica sobre Kamerling é que ele cometeu suicídio em 2010, portanto um ano após lançada a adaptação de “Budapeste”.

Eduardo Fontenele é contista e romancista cearense de Fortaleza. É associado da ACE (Associação Cearense de Escritores). Lançou seu primeiro livro de contos, "Abstrações" (Autografia/2017), na XII Bienal Internacional do Livro do Ceará, em 2017, e no Festival Vida & Arte (2018), organizado pelo Jornal O Povo. A partir de então, lançou "A Morte de Benjamin Siegel" (contos), “O Andarilho Participou” (conto - Coletânea "Cenas para Escrever Teus Olhos"). Participa da Bienal Internacional do Livro do Ceará em sua XIV edição, em 2022. Participou da Antologia "Noites de Horror", com o conto "Saint Germain" (2023), da Coletânea "Entre Vampiros", com o conto "Entre os Túmulos", e lança seu primeiro romance, "O Mártir Excêntrico", pela Caravana Grupo Editorial, ambos de 2024.

“APESAR DE VOCÊ”: UMA CRÍTICA À DITADURA COM GENIALIDADE

Denilson Marques dos Santos

Composta por **Chico Buarque** em 1970, “Apesar de Você” foi lançada no mesmo ano em um compacto simples pela gravadora Philips. Em um período de censura e repressão, esta música se tornou um símbolo de resistência e esperança, conquistando seu lugar como um clássico da Música Popular Brasileira (MPB).

Análise Discursiva de alguns versos da música:

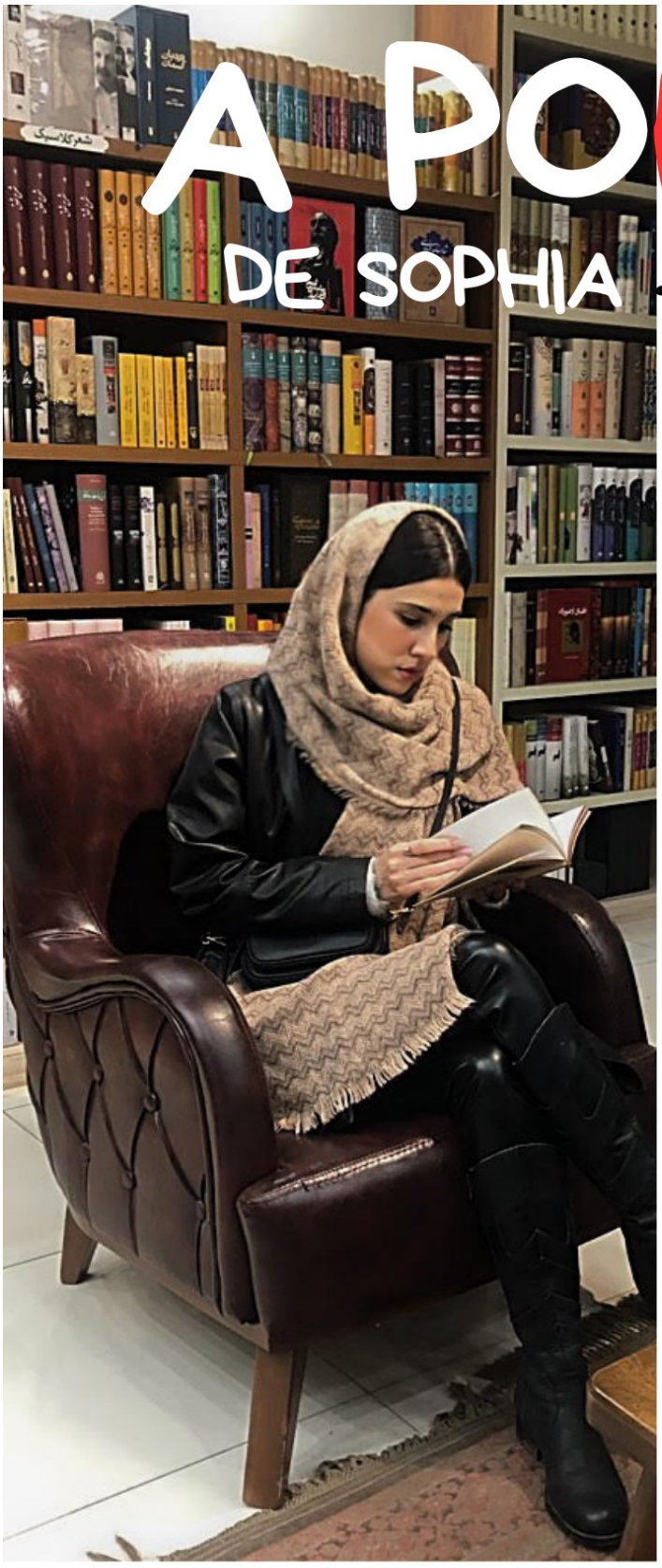
1. **“Hoje você é quem manda / Falou, tá falado / Não tem discussão, não”**: Chico começa lembrando que o outro é quem manda, sem possibilidade de discussão. O “você” na música representa uma figura autoritária, mas na verdade, era uma crítica ao regime repressivo.

Foto: Divulgação

2. **“A minha gente hoje anda / Falando de lado / E olhando pro chão, viu”**: Chico descreve como o povo se sentia na época. “Minha gente” refere-se aos brasileiros reprimidos, que falavam de forma cautelosa e evitavam olhar nos olhos, temendo a repressão.
3. **“Você que inventou esse estado / E inventou de inventar / Toda a escuridão”**: A letra é ambígua, mas provavelmente se refere ao Estado autoritário e à escuridão que envolvia o Brasil na época. Crimes eram “inventados” e a repressão era implacável.
4. **“Você que inventou o pecado / Esqueceu-se de inventar / O perdão”**: Aqui, o compositor critica os responsáveis pelo regime, que criaram o “pecado” (crimes políticos), mas não ofereceram perdão. Pessoas inocentes eram presas, torturadas e mortas.
5. **“Apesar de você / Amanhã há de ser / Outro dia”**: O refrão é esperançoso, apesar da repressão. O amanhã traz a possibilidade de mudança.

Chico Buarque revelou sua genialidade ao usar uma aparente canção de desabafo como uma crítica contundente à **Ditadura Militar**.

Denilson Marques dos Santos é mestrando em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará; graduado em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá; Membro do Grupo de Pesquisa Arte, Religião e Memória; Docente Efetivo da Secretaria Executiva de Educação e da Secretaria Municipal de Educação/ Ministrando as Disciplinas “Filosofia” e “Estudos de Religião”; E-mail: dede_cecilia@yahoo.com.br



A POESIA DE SOPHIA JAMALI SOUFI

JUCOND

Acostumbrarse al dolor fue un gran dolor
El silencio significa muerte
Entre las cenizas y los escombros
muerdo mis heridas
¿Adónde llevan estas cortas sombras mis pequeñas esperanzas?
La soledad es un lobo enojado que me destroza
No me queda nada
Excepto por una sonrisa perdida
O un recuerdo que ya no recuerdo…

MENTIR

me abrazan
Pero en mi miles de heridas gritan su soledad
no sé
¿Con los ojos de quién puedes hablar de dolor?
¿De qué mano puedes confiar?
En un mundo donde
los labios mienten
los ojos mienten
las manos mienten…

SILENCIOSO

me desplomo
De repente
En lagunas silenciosas
El sol brilla el día más hermoso
¿Se olvidan los dolores?

Sophia Jamali Soufi, nasceu em 2001, Rasht, Irã. Especialista em arquitetura/designer de moda. É poeta e escritora. A língua principal de seus poemas é o persa. Seus poemas foram traduzidos para espanhol, português, italiano, francês, inglês, alemão, turco e publicados em revistas literárias e websites.

ENTRE VERSOS METAFÓRICOS E SEVERINOS, EIS QUE SE CONHECE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Néia Gava

Caro leitor, nesta resenha literária minha pretensão não é apenas passear liricamente pela vida do poeta e escritor João Cabral de Melo Neto, cuja obra deixou marcas inapagáveis na literatura nacional. Minha pretensão vai além: poetizar a vida e a obra de um homem que destacou a terceira geração modernista no Brasil. Ele ficou conhecido por ser um dos escritores preocupados com a palavra e a forma, sem abandonar a sensibilidade poética. E o fez como poucos, tornando-se o "poeta engenheiro".

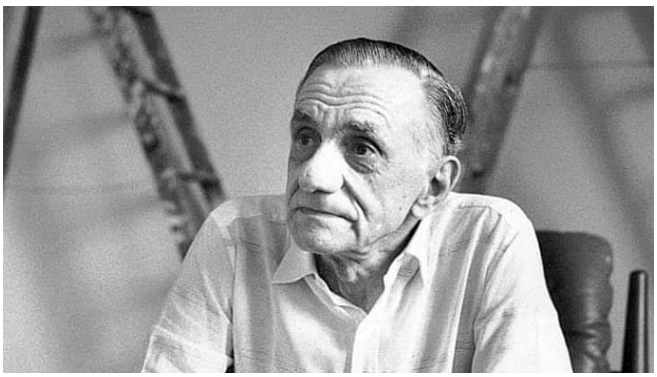


Foto: Divulgação

Nascido em Recife-PE, no dia 06 de janeiro de 1920, mudou-se de cidades durante a infância. E, já um jovem adulto, mudou-se para o Rio de Janeiro. Na cidade maravilhosa, o autor publicou o seu primeiro livro de poesia, cujo título é "Pedra do Sono". Nesta obra, o poeta brincou com as palavras: "*Catar feijão se limita com escrever: Jogam-se os grãos na água do alguidar E as palavras na folha de papel; e depois, joga-se fora o que boiar. Certo, toda palavra boiará no papel....*".

Mas foi o livro *Morte e Vida Severina* que o tornou conhecido na arte literária. Nesta obra poética, publicada em 1955, que foi adaptada, posteriormente, para uma peça de teatro, o escritor detalha a jornada de Severino, que se muda do seu lar nordestino, transita por todo o sertão árido em busca de uma vida melhor.

É importante sublinhar que *Morte e Vida Severina* também foi adaptada, além do teatro, para a televisão, cinema e, até mesmo, para desenho animado, consagrando o seu autor nacional e internacionalmente. Esse reconhecimento é facilmente notado por meio dos significativos e emocionantes versos: "*E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte Severina...*"

Neste inestimável feito poético, João Cabral de Melo Neto utiliza a sua, já conhecida, linguagem seca e objetiva para retratar, especialmente, as durezas da realidade do povo nordestino, sem romantismo, aproximando a realidade da vida severina aos trabalhos poéticos e teatrais.

Apesar de sua beleza artística, é necessário observar que a obra, além de retratar as mazelas que a seca nordestina acarreta, também faz uma dura crítica aos contextos político e social. Afinal, ela mostra em cada verso e em cada cena a luta desesperada pela sobrevivência em meio à pobreza e à aridez do Nordeste.

Néia Gava é Especialista em Letras: Português e Literatura. Servidora Pública. Escritora. Poeta. Possui 07 (sete) Antologias Poéticas publicadas. Membro do Conselho Editorial da Revista Sarau. Membro do Conselho Municipal de Política Cultural de Vargem Alta (ES). Acadêmica Correspondente da Academia de Letras e Artes de Venda Nova do Imigrante-ALAVENI. Acadêmica Correspondente da Academia Pan-Americana de Letras e Artes – APALA-RJ. Integrante do Grupo Escritoras Cachoeirenses-ES.

JOÃO CABRAL DE MELO NETO E SEUS POEMAS ÀS AVESSAS

Denilson Marques dos Santos

João Cabral de Melo Neto nasceu na cidade do Recife (PE) a 9 de janeiro de 1920, filho de Luís Antônio Cabral de Melo e de Carmen Carneiro Leão Cabral de Melo. Parte da infância de João Cabral foi vivida em engenhos da família nos municípios pernambucanos de São Lourenço da Mata e de Moreno. Aos dez anos, com a família de regresso ao Recife, ingressou no Colégio Marista de Ponte d'Uchoa, onde permaneceu até concluir o Curso Secundário. Em 1938 frequentou o "*Café Lafayette,*" * ponto de encontro de intelectuais que residiam no Recife.

Dois anos depois a família transferiu-se para o Rio de Janeiro, mas a mudança definitiva só foi realizada em fins de 1942, ano em que publicará também o seu primeiro livro de poemas intitulado "Pedra do Sono".

No Rio de Janeiro, depois de ter sido funcionário do Departamento de Arregimentação e Seleção de Pessoal (DASP), órgão criado em 1938 pelo governo de Getúlio Vargas (1930-1945), com o objetivo de diminuir a ineficiência do funcionalismo público federal e reorganizar a administração pública, inscreveu-se, em 1945, no concurso promovido pelo Ministério das Relações Exteriores para a carreira de diplomata. Concursado e já trabalhando no Palácio do Itamarati (DF) inicia sua trajetória como diplomata residindo em diversos países, como: Barcelona, Londres, Sevilha, Marselha, Berna, Genebra. incluindo também, a República Africana do Senegal. Em 1984, é designado para o posto de Cônsul-Geral na cidade do Porto (Portugal). Em 1987, volta a residir no Rio de Janeiro.

Apesar de ser cronologicamente um poeta da Geração de 45 do Modernismo brasileiro, João Cabral seguiu um caminho próprio, recuperando traços encontrados na poesia de Carlos Drummond e Murilo Mendes, caracterizada em seus escritos pela precisão dos vocábulos, produzindo desta forma uma poesia de caráter objetivo com uma linguagem sem sentimentalismo, o avesso das poesias utilizadas (criadas) na época.

"Morte e Vida Severina" é um poema dramático escrito por João Cabral de Melo Neto entre 1954 e 1955. A obra é um Auto de Natal que aborda a dura realidade dos retirantes nordestinos, representada pela trajetória de Severino, um homem que deixa o sertão em busca de melhores condições de vida no litoral e de seu José (Mestre Carpina) uma figura que no poema impede Severino de cometer suicídio, simbolizando a perseverança de dias melhores.

Nesta obra encontramos uma forte crítica social com uma profunda reflexão sobre a condição humana, abordando as questões existenciais e religiosas, especialmente na cena final, onde o nascimento de uma criança, reflete a continuidade da vida e a esperança de um futuro melhor.

A cegueira de João Cabral de Melo Neto teve um impacto significativo em sua produção literária. Ele começou a perder a visão em 1986, devido a um glaucoma, e esta condição piorou ao longo dos anos, levando-o à cegueira total. Apesar das dificuldades, ele continuou a escrever até seus últimos anos, demonstrando uma incrível resiliência e dedicação à poesia. O poeta faleceu de infarto, no Rio de Janeiro, em 9 de outubro de 1999.

*O **Café Lafayette** (1920/1930) era conhecido por sua vida boêmia e pela sociabilidade que promovia. Era um espaço onde as pessoas se reuniam para discutir ideias políticas, sociais e culturais contribuindo para o desenvolvimento da capital pernambucana e porque não dizer do Brasil.

Denilson Marques dos Santos - mestrando em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará; graduado em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá; Membro do Grupo de Pesquisa Arte, Religião e Memória; Docente Efetivo da Secretaria Executiva de Educação e da Secretaria Municipal de Educação / Ministrando as Disciplinas "Filosofia" e "Estudos de Religião"; E-mail: dede_cecilia@yahoo.com.br

O CANAVIAL COM O VENTO

Sebastião Amâncio

A João Cabral de Melo Neto

Não se vê o canavial, o canavial se sente no vai e vem com o vento. Outra cultura não nasce com nome de homem nem de ninguém. Impregnada no meio da plantação, lá entre as fileiras, só a intrusa daninha, aliás, essa dá até nas fortes parreiras.

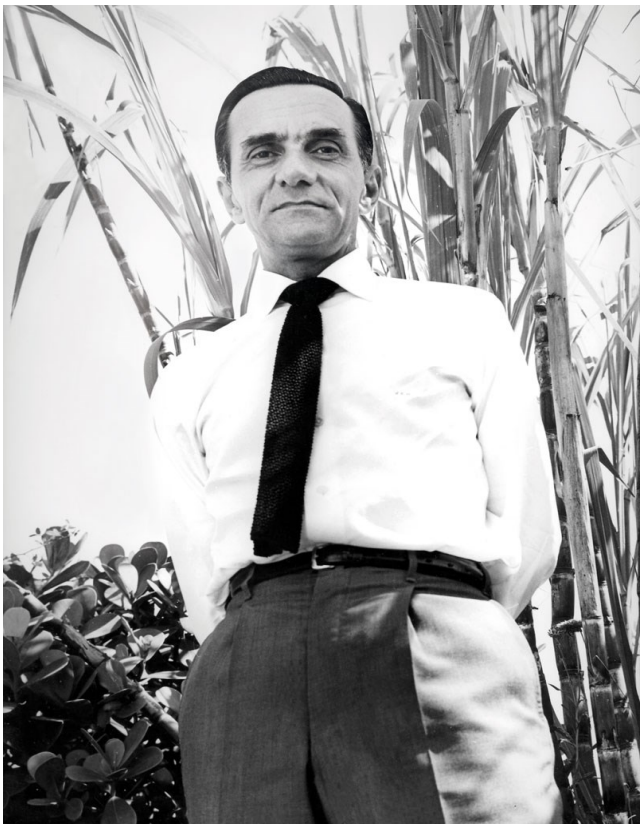


Foto: Divulgação

O canavial é anônimo, como os camaradas na calada. No verde mar não há navios, nem a orla dos ensolarados. Único, como o olhar do alto do morro, mar à vista. Com aquele azul-turquesa de beleza infinita.

É como um imenso lençol verde ondulado pelo vento. Mudando apenas a tonalidade verde, ao tempo. Alternando-se musgo, campo, claro, escuro. Como roupas estendidas na gramagem sem muro.

Sempre penso nesse imenso gramado a perder de vista.

Enche-me os olhos como o azul-turquesa daquela pista. Aquele cheiro de verde e terra me faz sertanista. Abasteço as lacunas em passeio saudosista.

A tormenta açoitava o canavial naquela danação.

Trucida a pelagem virgem da rasteira plantação. É lindo de ver aquilo, sentindo o vento no rosto. Rejuvenesce-me ao tempo de quando era moço.

Desde quando gritava na praça e nela reivindicava. Lutava contra os abusos dos patrões na bruta jornada. Assim como na praça, é a luta do canavial com o vento. A investida vencida aumenta cada vez mais o intento.

Sebastião Amâncio é licenciado em Letras Português/Inglês pelo Instituto Federal do Paraná – IFPR Campus Palmas. É autor do romance ‘O menino do Passo’, pela editora Autografia, e tem participação em várias antologias poéticas. Autor premiado em 2023 com o 1° lugar no VI Concurso de Poesias da ACLOB (Academia de Ciências e Letras de Ouro Branco–MG), na categoria nacional, com o poema ‘O moderno tupiniquim’. É também professor na educação básica, nos componentes de língua inglesa e língua portuguesa. É ainda cronista e contista.

MÚSICA CEARENSE: CALÉ ALENCAR E PINGO DE FORTALEZA

Élcio Cavalcante

CALÉ ALENCAR: A MUSICALIDADE DAS LOAS DO MARACATU QUE ENALTECE E ENRIQUECE A CULTURA BRASILEIRA

Calé Alencar é um renomado cantor e compositor brasileiro, reconhecido por sua contribuição significativa à música popular. Idealizador do *Maracatu Nação Fortaleza*, é também autor de loas apresentadas no desfile carnavalesco da capital cearense pelos maracatus *Az de Ouro*, *Nação Baobab* e *Vozes da África*, além de sambas compostos para os blocos *Fuxico do Mexe-Mexe* e *Prova de Fogo*. Em 2005, lançou o disco *Loas de Maracatu Cantigas de Liberdade*, comemorando dez anos de atividades no carnaval de rua. Sua obra artística musical desempenha um papel fundamental na preservação e renovação do Maracatu cearense e nordestino, e da cultura brasileira, destacando-se pela riqueza poética de suas letras e pela habilidade em mesclar diferentes influências musicais. A importância de sua obra se reflete na capacidade de conectar gerações por meio de suas canções, que frequentemente abordam temas como as paisagens do Nordeste, as tradições culturais e as experiências de vida do povo brasileiro.

Foto: Divulgação

Carlos Alberto Alencar da Silva, nasceu em 20 de outubro de 1954, em Fortaleza, passou a infância em Juazeiro do Norte, destacando-se no cenário musical com um trabalho vigoroso e de forte interação com o público, mesclando elementos da cultura urbana com referências da cultura tradicional popular, exercendo um papel relevante na valorização da diversidade musical brasileira, incorporando elementos do baião, xote, forró e outros ritmos regionais em suas composições. Dessa forma, ele contribui para a preservação e difusão da rica herança musical do país, enriquecendo o panorama artístico e cultural. O artista Calé Alencar tem em seu repertório musical, as belíssimas loas “Canoa quebrada”, “Olho D’água”, “Soberana”, “Ninguém solta a mão de ninguém”, “Salve Mãe Pequena Jenipapo-Kanindé”, “Flor do Bem Querer”, “Salve a guerreira Dandara”, “Vento Rei”, “Madiba Mandela, o Sol da Liberdade”, “Clara Jericoacoara”, “Negra”, “Mestre Juca do Balaio”, “Dragão do Mar”, “João Cândido”, “Cidade Nua”, entre outros belíssimos sucessos, trazendo uma sonoridade única que conquistou fãs em todo o país.

A obra artística musical de Calé Alencar representa um legado valioso para a cultura brasileira, contribuindo para a preservação e renovação das tradições musicais nordestinas, além de promover a diversidade e riqueza do panorama musical do país. Sua capacidade de transmitir mensagens de resistência, esperança e celebração através da música o torna um importante representante da identidade cultural brasileira. Assim, sua obra merece ser reconhecida e apreciada por seu impacto duradouro e relevância na sociedade e na cultura brasileira. Salve Calé Alencar!

O LEGADO MUSICAL DE PINGO DE FORTALEZA: ENCANTANDO CORAÇÕES E INSPIRANDO GERAÇÕES

Pingo de Fortaleza é um talentoso cantor, compositor, poeta, violonista, pesquisador, gestor e produtor cultural cearense, conhecido por suas canções que celebram a cultura e as tradições do Maracatu Nordestino, especialmente o cearense. O apelido *Pingo* acompanha-o desde a infância,

pelo fato do artista ter nascido prematuramente (pingo de gente). O complemento “de Fortaleza” apareceu pela primeira vez no cartaz da 3ª Missa dos Mártires de Canudos em 1986, evento ao qual o artista foi convidado a participar. Suas músicas muitas vezes retratam a vida simples, as questões políticas–sociais e as belezas da região, encantando o público com suas melodias dançantes e envolventes, com suas letras poéticas e líricas. Pingo de Fortaleza tem sido um importante representante da música cearense – nordestina – brasileira, levando as raízes culturais do Ceará para todo o país.

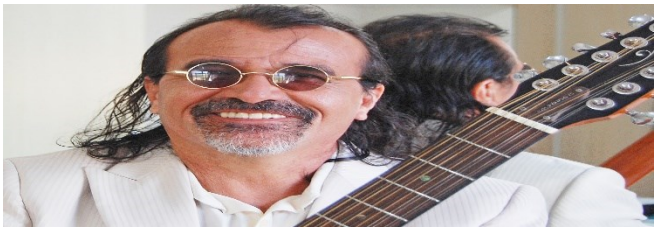


Foto: Divulgação

João Wanderley Roberto Militão, vulgo Pingo de Fortaleza, nasceu em Fortaleza, no dia 08 de agosto de 1963 e através de sua obra musical, contribui para a música brasileira dada a qualidade inerente de sua sublime arte. Suas composições muitas vezes refletem as tradições, a vida cotidiana e as paisagens do Ceará, transmitindo uma forte conexão com suas raízes, o contato com a resistência de Canudos, cuja abordagem é autêntica e apaixonada da cultura nordestina em suas músicas. Seu estilo musical incorpora elementos do Maracatu com suas magníficas loas, baião, pop-rock e outros ritmos tradicionais, o que o torna uma figura importante na preservação e divulgação da rica herança musical do Nordeste. Além disso, também é um artista querido pelo público por suas performances carismáticas e cativantes. O artista Pingo de Fortaleza tem em seu repertório musical, as belíssimas baladas musicais, verdadeiros clássicos do cancioneiro brasileiro como “Aproveite o Dia”, “Noite Azul”, “Maculelê”, entre outros sucessos, trazendo uma sonoridade única no Maracatu que conquistou fãs em todo o país.

Ainda na década de 1980 do século XX, fez a direção musical e trilha sonora da peça "O Conselheiro e Canudos", dirigida por B. de Paiva, com o ator José Dumont no papel principal. Esta peça excursionou por várias capitais brasileiras, e Pingo de Fortaleza participou das temporadas executando a trilha sonora ao vivo, se destacando como um talentoso Cantor, Compositor, Apresentador de Programa de Entrevistas, Músico, Gestor e Produtor Cultural de Festivais de Música como o famoso Festival Meruoca que revela vários artistas e enaltece as tradições e a cultura do Ceará e do Nordeste brasileiro. Ressalto também que o artista citado é um dos idealizadores do Maracatu Solar e autor de loas apresentadas no desfile carnavalesco da capital cearense na tradicional Avenida Domingos Olímpio. Sua contribuição para a música brasileira é inegável, e seu compromisso em preservar e promover as raízes musicais da região o torna uma figura admirada e respeitada não só no Brasil, mas no continente europeu.

Pingo de Fortaleza, com sua musicalidade singular, encanta corações e faz a alma dançar. Suas letras e melodias é pura inspiração, que ecoam pelo vento, trazendo emoção aos admiradores da música de qualidade. Com sua obra artística, nos ensina que a música é a linguagem que a todos fascina. Sua voz ecoa como um suave acalanto, levando-nos a sonhar a cada novo encanto. Em cada acorde, em cada verso, nos leva ao universo de sentimentos profundos e verdadeiros e nos mostra que a arte é um bem duradouro. Assim, sua obra musical é um tesouro sem igual, que enche nossos dias de amor e vitalidade sem igual, com sua arte singular e plural, com seu talento inigualável, e deixa uma marca indelével na música brasileira. Sua poesia musical continua a encantar e inspirar gerações, evidenciando a importância de sua obra artística.

Que suas líricas canções permaneçam como um legado precioso, recordando-nos sempre da beleza e profundidade da expressão artística, nos mostrando que um pingo de arte se transforma numa torrente importante chuva de cultura, cantando e encantando nos palcos da vida.

Élcio Cavalcante é formado pela Universidade Federal do Ceará – UFC, no Curso de História, trabalhou na FIEC - SESI - SENAI, leciona História na Rede Pública e Privada no Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

ARTE Visual

PÚBIS
Técnica mista sobre azulejo.

Carlos Nascimentto
(85) 996150231

REVISTA Sarau

v.4 n.10 set./out. de 2024 - ISSN 2965-6192

COLUNA ESCRITORAS CACHOEIRENSES

O objetivo do Grupo Escritoras Cachoeirenses é reunir escritoras da nossa cidade e garantir um espaço de publicação. É proporcionar que mulheres que escrevem sejam lidas, que seus textos cheguem aos leitores. Além disso, a formação de um grupo de autoras permite o aprimoramento da escrita de cada uma e possibilita a elaboração de futuros projetos literários. (**Olívia Avelar** é escritora e amante das Letras).

GONÇALVES DIAS, EM SEUS VERSOS, TRANSITOU POR TERRAS CAPIXABAS

Se por um descuido qualquer, em algum momento de deleite, eu tivesse alguns minutos ou algumas horinhas de “dedo de prosa”, regado a um cafezinho literário, com o saudoso escritor Antônio Gonçalves Dias, certamente não conversaríamos aleatoriamente. Teríamos uma conversa sobre assuntos específicos, acerca de sua inspiração e dos seus feitos literários, que nos rodeiam em dias atuais, como a atemporalidade assente.

E sobre qual obra seria essa prosa, com duração indeterminada? Já venho com tudo planejado há algum tempo. Por isso, a resposta é ligeira: falaremos sobre “Canção do Exílio”, poema tão formoso e encantador, que se tornou inesquecível. De tão inebriante, o “dedo de prosa” com Gonçalves Dias será objetivo, ainda que regado a um cafezinho literário. Logo o questionarei:

- Neste descuido, cujo tempo não sabemos quando será encerrado, preciso que você me conte sobre sua inspiração para escrever “Canção do Exílio”. É necessário conhecer. E, ao final, você conhecerá a razão.

- Querida leitora, folgo em saber o seu apreço por meu trabalho literário. Ainda mais feliz estou porque, apesar de minha avançada e notória idade, se por aqui eu estivesse (estou a completar 201 anos em agosto...risos), você não me invocou com pronome de tratamento “senhor”. Mas, voltando-me à sua pergunta...quando escrevi “Canção do Exílio” eu estava cursando Direito lá em Portugal. Portanto, estava longe de casa, do meu país. Com saudade do Brasil e me sentindo exilado naquela pátria, comecei a poetizar sobre as grandezas do território: natureza, belezas, nacionalismo e demais particularidades. Dado que afirmei em versos: “...Minha terra tem palmeiras, /Onde canta o Sabiá;/ as aves que aqui gorjeiam, / Não gorjeiam como lá...”.

- Mas, Gonçalves, sinto que os seus versos são inspirados no meu lugar Sul-Capixaba. Aqui, o “O nosso céu tem mais estrelas, /Nossas várzeas têm mais flores, /Nossos bosques têm mais vida, /Nossa vida mais amores...”.

Sinto-me monopolizando o diálogo, mas continuo sem pausas:

- E minha terra capixaba também tem “...primores, / Que tais não encontro eu cá;/ em cismar - sozinho, à noite –/ Mais prazer encontro eu lá;/ Minha terra tem palmeiras, /Onde canta o Sabiá...”. E detalhes: por cá temos sabiás e o Sabiá da Crônica. Sim. A minha terra tem belezas diversas, tem gente receptiva e calorosa. Como é possível o seu poema tratar unicamente (mas tão importante quanto) da saudade que você sentira do Brasil? Certamente, em seu íntimo, você conhecia a minha terrinha linda, e nela se inspirou.

- Querida, gosto do seu gostar de sua terra capixaba. Notória é sua beleza diante de seu orgulho. Mas sinto em dizer que “Canção do Exílio” foi criado por minha saudade deste país. Nele, eu me ufano das belezas de todo o país. Sei que você também se regozija de sua nacionalidade. Mas noto o seu amor por terras brasileiras. É inegável. Diante deste feito, saiba que em meus versos não pensei em uma região específica deste país, mas em todas. No Brasil o “...Nosso céu tem mais estrelas...”. Esta é a razão de você observar as semelhanças de primores existentes em sua terrinha e em todos os Estados deste país tão diverso.

- Fico muito feliz em ouvir tais palavras, como um gesto de confissão literária e de acalento para os meus questionamentos. Mas, Gonçalves, o que você poderá me dizer sobre a minha gente tão talentosa, tão cheia de versos que transitam em suas artes e lutas cotidianas, sob o céu estrelado, ensolarado ou chuvoso?

Olho em volta. E só percebo o silêncio.

- Gonçalves... – insisto.

Então, constato que o nosso tempo se esvaiu. Aquele tempo ocorrido por descuido. Ali, sozinha, esboço um sorriso devido ao “dedo de prosa”. Sorrio satisfeita por, agora, ter certeza de que Gonçalves Dias, em seu poema “Canção do Exílio”, cravejou os primores do meu solo capixaba, do meu Brasil.

Néia Gava é Especialista em Letras: Português e Literatura. Servidora Pública. Escritora. Poeta. Possui 07 (sete) Antologias Poéticas publicadas. Membro do Conselho Editorial da Revista Sarau.

UM HOMEM IMPERDOÁVEL

Olivia Avelar

Com alguma razão, dá-se o direito de ser arrogante. Perdeu a juventude e as posses da família. Porém, não a empáfia, tampouco a beleza. Conserva-se altiva, os óculos de meia-lua, como não se usa desde meados do século passado, à ponta do nariz aquilino de descendentes de europeus. Como eu queria odiá-la quando a observo, todos os dias, regando as samambaias verdejantes dependuradas no balcão da varanda espremida entre o progresso e um losango de céu suburbano e azul. Sim, eu queria odiá-la. Ao menos, uma beliscada de rancor deveria incomodar meu peito, enquanto assisto ao ritual matutino e imutável.

— Bom dia! Lindas avencas!
— São samambaias.

Divulgação

Ora! E que diabos interessam os pormenores vegetais! Bastava a cordialidade entre vizinhos! Não, senhores, não importam as boas intenções. É preciso ser exato e até um tanto brilhante. Meus cabelos ainda eram negros na última vez que recebi um olhar. Lembro-me como se fosse ontem. Melhor, como se fosse hoje, há poucos instantes, quase posso tocar o momento com a ponta dos dedos.

Ia eu pela calçada, carregando a maleta que sempre levava comigo para a repartição e um guarda-chuva em pleno dia de sol. Esse é o dia que marca, além de todo o resto que relatarei em breve, a data exata em que parei de acreditar na previsão do tempo. Se chove, que molhe! Paciência! Estiremos, após o dilúvio, as almas encharcadas ao sol! Pois bem, como eu dizia, ia-me pela calçada, o colarinho aberto, o peito pronto para abraçar o final de tarde. Era uma sexta-feira do mês de maio. Se os senhores são trabalhadores e se, por acaso, conhecem a cidade de Cachoeiro de Itapemirim, me entenderão com maior franqueza e, quiçá, alguma compaixão. Eu recebia no rosto suado a brisa vespertina, não nos encontrávamos desde setembro. Até hoje, quando aporta o mês de maio, toda brisa ainda me chega com um resquício de dor. Vocês se acalmem, sei que me darão razão.

Peço desculpas pelos desvios, arbítrios da idade. Contar uma história é catar papel na ventania. As lembranças se alvoroçam. Digo isso para evitar admitir que se perdem, ainda não cheguei a esse ponto de resignação. Digamos que elas saem para passear. Fato é que, naquela tarde de sexta, num maio para sempre perdido, a vizinha saiu para passear. À tardinha, como moça de familia. Eu passara a semana atarantado, dando cabo de relatórios fiscais, por isso havia me descuidado da aparência. A barba por fazer, o cabelo oleoso colado à testa (sinto saudade dos fios que se foram, devo admitir). E eis que calhou-me encontrar a vizinha vicejante, de banho tomado e cheirando à alfazema, bem nessas precárias condições! Ah, mas o que há de se lamentar, tantas décadas depois? O que está feito, está feito.

Vestido azul claro e sapatos cor de marfim. Um sóbrio coque preso com grampos. Mas o pecado, ah! O pecado estava nas mãos, caros amigos e amigas! Avistei-a da curva sinuosa que liga o final da ponte de ferro ao início da Avenida Beira Rio.

Hão de convir que encontrar a vizinhança no centro da cidade era motivo de gracejos primaveris. Outros tempos. Iniciei, desde aquele ponto, um malabarismo com meus pertences. Queria me livrar de todos eles! Deixar as mãos livres para cumprimentá-la! Quem sabe, pensei eu, naquele dia tão claro, estivesse receptiva para três beijos de bochechas, algo casual, nada afoito. E nesse temporal interno, o único a desabar naquela tarde (e duvido veementemente que era esse o clima previsto pelo desprezível jornal) escapuliu-me o polegar úmido pelo cabo do guarda-chuva. E não só! Bem no momento em que a vizinha estava à exata distância do cabo estendido. E o desastre que se seguiu merece um novo parágrafo.

Como alguns devem se lembrar, os guarda-chuvas de outrora ostentavam na ponteira uma agulha de madeira. Para quê, eu me pergunto, há meio século. Que formato odioso. Que perigo para os transeuntes e os corações em palpitação. Essa arma letal, em sua frieza e leviandade, acertou em cheio o que as finas mãos carregavam: um livro. Para meu absoluto e jamais superado assombro, a perfeita encadernação deu um semi giro no ar, em câmera lento, vos asseguro, quicou na balaustrada da avenida e mergulhou como uma seta nas águas barrentas do Itapemirim. Minhas mãos suam, até hoje, ao me lembrar da rapsódia. Ficamos os dois catatônicos, encarando a correnteza. Quando levantei o rosto, ela já tinha os olhos pregados em mim e senti cada ossinho e cartilagem do meu corpo se convertendo em algum ser pequeno e asqueroso. Eu havia me metamorfoseado num iletrado absoluto. Num boçal irrecuperável. Um bruto. Um ser miserável condenado aos radinhos de pilha colados aos ouvidos. Um pusilânime. Um homem imperdoável.

Queridos amigos, pois vos digo que não recebi, sequer, uma repreenda. Encarando o horizonte, cruzou os braços, levantou o queixo e seguiu altiva, como segue até hoje. Como podem notar, ainda me debruço, de quando em vez, sobre o desastroso incidente. Não fosse o cansaço… Se tivesse esquecido em casa o possuído guarda-chuva… Se tivéssemos nos encontrado minutos antes ou segundos depois… Nunca reuni a coragem suficiente para perguntar-lhe o título da obra ou o nome do autor. E esse é o detalhe que me corrói: eu tinha que arremessar ao rio justo um livro! Fosse um objeto qualquer, eu poderia ter me desculpado lhe oferecendo um café, um presente pelo incômodo, quem sabe um estojo com pinturas de rosto. Eu não passaria de um homem ocupado e apressado, perfeitamente capaz de reparar meu erro com um galanteio, mas não. Aquele livro me converteu num homem vil e obtuso, indigno, até, de uma repreenda.

Ali está ela, onde sempre esteve, do outro lado da rua. E cá estou eu, pescando lembranças nas águas do rio do tempo. Um ignorante absoluto, desde as plantas domésticas, até os sonetos do mundo. Ah! Como eu queria odiá-la. Como eu queria odiá-la.

Olivia Avelar nasceu e vive em Cachoeiro de Itapemirim, ES. Formada em Letras, Pós- Graduada em Filosofia. É professora, articulista e escritora, membra da Academia Cachoeirense de Letras. Em 2022, lançou seu primeiro livro - *Azul da Prússia* - pela Editora Folheando.

JUVENAL GALENO, UM CAJUEIRO PEQUENINO QUE FLORESCEU

Elaine Meireles

Ponto de encontro de intelectuais e curiosos, a *Casa Juvenal Galeno*, situada à rua General Sampaio 1188, centro de Fortaleza/CE, foi idealizada por Henriqueta e Juliana Galeno e apoiada pelo pai, *Juvenal Galeno, por volta de 1919*. A "**Casa**", desde sua inauguração sempre abrigou eventos dos mais variados: recitais, audiências de piano, lançamento de livros, conferências, aniversários, homenagens, concertos de violões, dança, entre outras manifestações e atividades intelectuais, culturais e artísticas. O titular dessa casa é motivo de orgulho não somente para a *Literatura Cearense*, como para a *Cultura Brasileira*, como um todo. Nascido em Fortaleza na década de 1836, no seio de uma família abastada de cafeicultores da Serra da Aratanha (Pacatuba, distante 45 km de Fortaleza), *Juvenal Galeno* tem parentesco com *Capistrano de Abreu* (historiador, etnógrafo, linguista), *Clovis Beviláqua* (jurista, historiador, magistrado), *Rodolfo Teófilo* (escritor realista, farmacêutico, documentarista). Ele acumula a primazia de ter criado alguns jornais, ainda que efêmeros, uns quando jovem e outros, já adulto: *Sempre Viva* (direcionado para o mundo feminino), *Mocidade Cearense* (voltado para o mundo estudantil). Essa experiencia o ajudou a escrever, já no Rio de Janeiro, anos depois, em jornais mais consistentes, como *Marmota Fluminense* (A Marmota a Corte, A Marmota), onde também eram articulistas, *Machado de Assis*, *Joaquim Manuel de Macedo*, *Quintino Bocaiuva*, entre outros.

O adolescente que rejeitou assumir o ofício de cafeicultor em sua terra natal, passa a circular nos meios intelectuais do Rio de Janeiro e a relacionar-se com escritores já aclamados. O jovem escritor ganha brilho e fortalecimento nas letras, quando Gonçalves Dias, vindo ao Ceará, o aconselha a escrever sobre narrativas oriundas da tradição oral, da vida popular do povo cearense, do Nordeste. Estimulado pelo então poeta romântico, *Juvenal Galeno* popularizou-se e muitas de suas poesias caíram no gosto dos leitores. Entre elas, destacamos *A Noite de São João*, *A Criação do Jangadeiro*, *Cantiga de Violeiro*, *Cajueiro Pequenino*, entre outras. A recomendação valiosa dada por Gonçalves Dias, o levou a uma poesia regional, de crítica social, ressaltando o olhar do jangadeiro, do agricultor, das rendeiras, do campo, de cunho popular:

"Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flor,
À sombra das tuas folhas
Venho cantar meu amor,
Acompanhado somente
Da brisa pelo rumor,
Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flor."

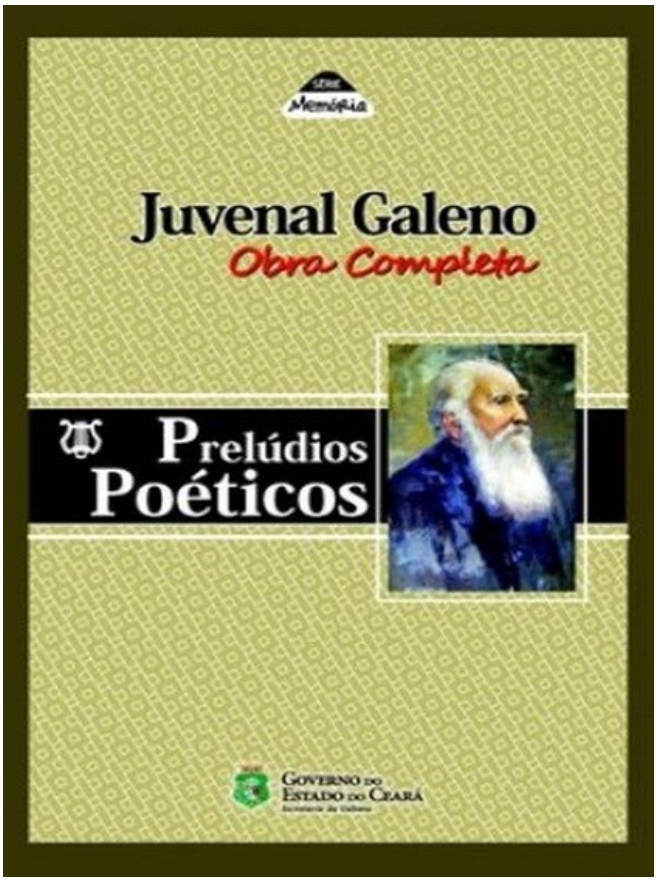


Foto: Divulgação

O conjunto de sua obra é composta de poesia, prosa e teatro. Seu livro *Prelúdios Poéticos*, lançado em 1856, é considerado o marco inicial do Romantismo no Ceará, cujas poesias trazem pinceladas de lirismo, sem, no entanto, descuidar-se da crítica social. A tradição oral presente em seu livro *Lendas e Canções Populares* é de uma riqueza ímpar, tanto quanto *Cena Populares*. Enquanto a peça *Quem com ferro fere, com ferro será ferido*, de cunho cômico, marca a carreira de Juvenal Galeno como teatrólogo. *Cenas Populares* é uma coletânea de contos, primeiro livro no gênero a ser publicado no Ceará. *Lira Cearense* (*Lira Popular, Lira Americana, Lira Intima*), também livro de contos que foram inicialmente publicados no jornal, em fascículos. Vale destacar duas obras interessantes do autor: *A Machadada* – fruto de sua prisão por ordem do comandante João Antônio Machado, uma vez que o autor preferiu estar com Gonçalves Dias e outros intelectuais a fazer revista na tropa; *A Porangaba* – poema indianista baseado na tradição oral.

Merecedor de reconhecimento, o autor teve a grata satisfação de ter versos seus, extraídos do poema *O Filho do Vaqueiro*, declamados pelo Conde D'Eu, quando este esteve no Ceará. Considerado também quando esteve no jornal *A Constituição,* pois este obteve aumento de tiragem quando Juvenal Galeno passou a escrever nele. Suas crônicas eram caricaturas e críticas dos costumes da época. A produção literária do cearense Juvenal Galeno, em sua terra natal e no país, reflete o perfil da população mais humilde do Nordeste. Em sua produção literária encontram-se momentos de alegria e tristeza, atos heroicos dessa gente sofrida, mas presenteada por belas praias, serras e riquezas do sertão nordestino. Seus versos e prosas possuem a valorização da simplicidade linguística de seu povo, bem como o sentir e o viver de seu povo. Por fim, sua prosa revela e descreve lugares, pessoas, costumes típicos encontrados nas narrativas do nosso folclore brasileiro, com diz José de Alencar.

Elaine Meireles – Especialista em Literatura Luso-Brasileira, articulista da Revista Sarau, Professora Tutora da UFC/IFCE. Autora da ***Coletânea Lápis Afiado*** (*Análise de livros indicados para o vestibular; Estilos Literários Brasileiros*.); ***Português – Vestibulares & Concursos***. Participação nos livros ***Vivencias de Leitura*** – *uma análise linguística-literária das obras* (org. Lucineudo Machado). **Contato: ponchetart1@gmail.com**

JUVENAL GALENO, ALÉM DE SEU TEMPO

Vanice Ricardo do Nascimento

Foto: Divulgação

Escritor do Ceará
Sua literatura tem muito aprendizado
Tem cura das doenças do corpo
Tem cura dos males da alma.

Sua literatura fala de barões do Ceará
Das jangadas e do seu povo do mar
Do cajueiro e das cantigas populares
Das injustiças e do sofrimento dos seres.

Juvenal Galeno, um escritor de vários
[tempos
Sua vida se encontra no Romantismo
Adentra a Padaria Espiritual
É poeta social com A Machadada.

O meio político leva-o a produzir muito:
As sátiras - denunciam os problemas sociais
Publica todas em o livro Folhetins de
[Silvanus
Galeno ensinou na ação como é ser escritor.

Vanice Ricardo do Nascimento é Professora e Poetisa. Tem poemas publicados pela Editora Contos Livres e outras antologias. Prefaciadora da Antologia *O Grito Delas*, *A Voz Silenciada que agora ecoa*. Pela editora Brunsmark. É autora do livro: *VIDAS*, pela Coleção Mulher Maravilhosa, Volume 8, uma edição da ALB Campos RJ. GRUPO EDITORIAL.

A POESIA DE JOSÉ ROBERTO DE MORAIS

CONFABULANDO COM JOÃO CABRAL

I - TECENDO A VIDA

Um homem sozinho não vive neste mundo:
ele precisará sempre de outros homens.
de um professor para orientar sua busca pelo
[conhecimento,
de um médico para cuidar da sua saúde,
de um advogado para defender sua causa,
de um agricultor para cultivar seu alimento,
de um pedreiro para construir sua casa,
de um motorista para conduzir seu veículo,
de um mecânico para consertar seu transporte,
de um policial para garantir sua segurança,
de um poeta para recitar o poema da sua vida.

E se organizando neste planeta,
ajudando e recebendo ajuda,
se comunicando com seu meio,
ele vai tecendo sua vida.
Amanhã, quando a indesejada das gentes chegar
ele partirá e será luz.

II – VIDA NORDESTINA

O meu nome é Severino
Vivendo meu dia a dia
Sou autêntico nordestino
Minha mãe, Dona Maria.
Minha querida esposa
É chamada de Luzia
Ela é filha de Antônia
E do velho Zacarias.
Neste torrão tão quente
Vou vivendo com alegria
No roçado agricultor
Trabalho sem companhia.
Acordo logo cedinho
O sol brilhante irradia
Já plantei milho e feijão
Jerimum e melancia.
À tarde, monto o alazão
Vou cuidar da vacaria
Vestindo o velho gibão
O ocaso se inicia.
Ao curral trago as vacas
Para poder ordenhar
Minha pequena Sofia
Com leite alimentar.
À noite, eu me hospedo
Nesta simples moradia
Depois do jantar, vou dormir
Para acordar noutro dia.

JUVENAL GALENO: POETA FOLCLORISTA

Fortaleza foi o berço
Do poeta Juvenal
Rua Formosa, começo
Bairro residencial.
O poeta popular
Foi também familiar
De Capistrano de Abreu;
Rodolfo Teófilo, primos
Escritor que aplaudimos
Cada obra que escreveu.

Para o Sítio Boa Vista
Um recanto aconchegante
Mudou-se tão otimista
Era pequeno estudante.
Em Pacatuba, estudou
No Aracati, frequentou
Já com noções de latim;
Fez seu primeiro jornal
Literário e cultural
“Sempre Viva” foi assim.

Do Ceará ao Brasil
“Mocidade Cearense”
Da imprensa estudantil
Pra “Marmota Fluminense”.
Lá no Rio de Janeiro
Pra seguir o seu roteiro
Naquela linda cidade;
Com Machado de Assis,
Macêdo e Marinho, quis
Fazer laços de amizade.

Ceará no Romantismo
Como marco inaugural
Teve o regionalismo
Do poeta Juvenal.
Os seus “Prelúdios Poéticos”
Com versos sempre frenéticos
Por ser magno literário;
E fez peça teatral
Padaria Espiritual
Padeiro-mor honorário.

“Lendas e Canções Populares”
Obra regionalista
Desbravando outros mares
Figura abolicionista.
Com “A Noite na Senzala”
“O Escravo” também fala
Do suicídio ocorrido;

Na encenação transfere
Disse “Quem com ferro fere,
Com ferro será ferido”.

No fantástico escreveu
O poema “A Machadada”,
Uma prisão que ocorreu
No percurso da jornada.
Um poeta folclorista
Pois foi um grande contista
Com as “Cenas Populares”;
Genuína inspiração
Galeno é tradição
De produções singulares.

MANUEL BANDEIRA: LÍRICO NACIONAL

Manuel Bandeira
Um importante escritor
Na capital altaneira
De um estado promissor.
Do Pernambuco pro mundo
Com sentimento profundo
O poeta ali nasceu;
Seu pai, Manuel Carneiro
Mãe, Francelina Ribeiro
Recife foi berço seu.

Em Recife iniciou
Fez seus estudos primeiros
Aos dez anos se mudou
Para o Rio de Janeiro.
Fez o curso secundário
Seguiu seu itinerário
Colégio Pedro II (segundo);
Tomou gosto por leitura
Pra cursar Arquitetura
Em São Paulo, novo mundo.

Seu curso interrompeu
Estava tuberculoso
Suíça, destino seu
Pra tratar o mal danoso.
Na clínica, se internou
Outro poeta encontrou
Buscando sobreviver;
Esses fatos tão diversos
Ele registrou em versos
Por ter medo de morrer.

Voltou ao país natal
Pra fazer literatura
Um lírico nacional
Destaque nessa cultura.
Autêntico nordestino
Como inspector de ensino
Em grande universidade;
E publicou sem demora
A obra, “A Cinza das Horas”
Pra toda sociedade.

Influência simbolista
Nessa obra está presente
Seguindo pra modernista
Na obra posteriormente.
Participou da semana
Crítica à parnasiana
“Os Sapos” foi declamado;
Tumultuou o teatro
Ouviu os gritos, de fato
Seu deboche foi vaiado.

Veio “Ritmo Dissoluto”
Depois, “Libertinagem”
Pra Pasárgada, o astuto
Desejou fazer viagem.
Em verso livre escreveu
Sua obra desenvolveu
Linguagem coloquial;
A indesejada chegou
Em 68 nos deixou
O vate nacional.

José Roberto Morais - Professor, poeta, cordelista e escritor araripense. Autor dos livros: “50 Sonetos”, “Reforma Agrária e o Boi Zebu e as Formigas – uma análise sociológica” e “Fantástico Mundo da Leitura”; e coautor em “Antologia Poética Escritores do Cariri”, “Somos Escritores – jovens que escrevem”, “Patronos II”, “Vestígios de Amor” e na Antologia “Vida em Poesia”.

OLHARES DE UM REFLEXO

AO POETA MESSIAS NASH

Péricles Melo

Esse livro preto de letras brancas
Me fez viajar pelo espaço sideral
Noite, como uma explosão de uma estrela
Noite, como morte de um amigo especial
Buscando recomeços e novas estrelas
Você se despede em um sarau sideral, como estrela que nasce em outro plano
"Sou definido pelo que ainda não me transformei" está frase me levou ao devir
Como o bolero de Ravel que vai ampliando seus instrumentos em uma cartasse
Você nos deixa meu amigo
É uma dor que dói no peito
O reflexo do teu olhar é como um relâmpago querendo voltar ao céu
Sinto que um dia vamos participar de outro sarau sideral
O resto eu não sei dizer
É tão estranho os bons vão logo.

Péricles Melo atua na área de Humanas como professor de História. Tem interesse pela literatura clássica e, como influência, a poesia parnasiana.

ARTE POPULAR

nonato Araújo

Fuzuê Cultural do Jaraguá

Nonato Araújo (85) 987383650

REVISTA Sarau

v.4 n.10 set./out. de 2024 - ISSN 2965-6192

QUADRAS DE SÃO JOÃO

Belchior Chaves

Menina linda faceira
Sabe me conquistar,
Tu tens a beleza da lua
Nesse teu lindo olhar.

Em seus lábios, vivo
Somente a lembrar.
A sua boquinha de mel
Eu vivo me apaixonar.

Que Santo Antônio
Me ajude
Que eu possa alcançar,
O milagre do amor
Com você quero me casar.

Ó seu padre não demore
Venha logo preparar,
Com essa linda noiva
Com ela vou me casar.

Assim como a fogueira
Queimando em combustão,
Também do mesmo jeito
Explode o meu coração.

Francisco Belchior Chaves de Almeida, publicou em 2022 seu primeiro livro de poemas *Na Trilha da Alma Poética*, pela Filos Editora. Desde 2019 participa do movimento artístico **Café com Poesia,** em São Paulo, no qual tem vários poemas publicados em antologias desse mesmo sarau. Participou do sarau **Um Brinde A Poesia**, de Niterói, em 2020, e da coletânea INFLEXÕES em 2021.

ECOS DA FLORESTA

Diana Rech

Murmúrio de águas cintilantes
Nem sempre calmas,
Acompanhavam as correntezas densas e arenosas.
O luar, o penhasco intrépido de folhagens mortas
Renascidas a cada sombra onde a seiva e o orvalho se confundiam com a luz,
De repente, amanheciam de seu acalanto noturno.
Sem pátria, sem fronteiras. Quem disse que deviam existir?
Os verdes musgos se estendiam ao horizonte
Caçoando daquelas pegadas vestidas em sandálias, botinas, armas e alforges
Quem eram aqueles que se vangloriavam de sua Razão?
Esperançosos, furtivos e às vezes destemidos
Forjados entre as cobiças da carne e dos insidiosos pensamentos
Não hesitavam de sua exploração,
Eram os predadores mais ferozes.
Cada passo os levava em direção à luxúria de desejos desmedidos
Não importavam as vidas que ali cresciam e se multiplicavam:
O ecossistema quase puro e virginal,
A dança dos pássaros em solilóquios,
A ramagem escondida entre troncos fortes e frondosos,
As pequenas vísceras de seres, vermes ou amebas
A vida pulsante de cada movimento ínfimo.
E ainda as águas: as águas jamais mansas, jamais lúcidas ou transparentes
Apenas corriam seus destinos de águas
Os animais: os animais jamais cansados de suas existências
Embrenhavam-se pelos caminhos ínvios determinados a sua caça
A sua fome, apenas. A seus rugidos e suas forças potentes e graciosas
Nunca à agressão regida pelo prazer mórbido do crime
Eles teciam uma estranha harmonia de vida e de morte
Que segue, segue, para além de nossas tiranias narcísicas
E os ecos...os ecos que ainda murmuram ao universo
Ressoam à agonia da floresta.

Diana dos Santos Rech - nasceu em Fortaleza/CE. Poeta e Psicanalista. Mestra em Filosofia da Psicanálise pela Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP/ Manchester/Inglaterra. Formação em Psicanálise: Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano, EPFCL/CE, Escola Letra Freudiana do Rio de Janeiro/LF, Centro de Estudos Freudianos do Recife, CEF/PE, Livre Associação Freudiana de Fortaleza.

MONGE

Márcio Catunda

Sou dos monges
que não perdem o hábito:
da biblioteca à cela,
na disciplina ascética,
o passeio no claustro é caminhar no bosque do vilarejo.
É natural do místico
esse estudar a mecânica
do Primeiro Motor.
O Monte Carmelo é a quietude
do arvoredo.
As horas canônicas são este conflito de mim comigo,
no Mosteiro da Batalha.
Carmina Burana são as cordilheiras na perspectiva lacustre.
As luzes matinais são os turíbulos
do meu templo heterodoxo.
O peregrino adora o colosso
que clarividência tudo.
O ócio de contemplar as nuvens
é o seu exercício cisterciense.
O peregrino se alegra
com o silêncio sacramental
e a policromia dos ornamentos
da Natureza.

Márcio Catunda - escritor e diplomata, é membro da Associação Nacional de Escritores (Brasília-DF), do Pen Clube do Brasil (Rio de Janeiro), da Academia de Letras do Brasil (Brasília-DF), da Academia Cearense de Literatura e Jornalismo (sócio correspondente), da União Brasileira de Escritores (UBE-Rio de Janeiro) e da Associação Profissional de Poetas do Rio de Janeiro (APPERJ). Editou diversos livros de poesia, de prosa (alguns dos quais escritos diretamente no idioma espanhol) e discos de poemas musicados.

LITERATURA POPULAR

João Teles

OH, SERTÃO

No sertão vi capoeira
Cheia de milho e feijão
Eu botei milho de molho
Dei comida a barbatão
Vi muita mulher bonita
De entortar um cidadão!
Vi mulher toda valente
Bater em cabra safado
Fazê-lo dançar baião
Num terreiro desenhado
Com a ponta duma faca
De saiote bem rodado!
Eu vi um rádio de pilha
Bem fanhoso, lembro bem
Tocar música de Luiz
Parecia do além
E uma velha rapariga
Rebolando - e muito bem!
Vi luta de cabra macho
Plantando tudo de bom
Vi (também) maxixe azedo
Na boca, fazendo som
E o banguela se queimando
Com a língua fora do tom!

Xilogravura de Nonato Araújo

SAUDADE

Oh, saudade do carrinho
Ou de flandes ou papelão
Com que eu desembestava
Pelas ruas do então
Araquém pequenininho
Uma vila de união!
Lá da bodega eu corria
Com um pacote de biscoito
Pra levar pra minha mãe
Lá comia logo uns oito
E desabava na rua
Todo alegre e bem afoito!
Como era bom ser menino
Apesar da situação
De seca, de inclemência
Que se via no sertão
Mas a vida era gostosa
Como leite quente e pão!

João Teles de Aguiar é professor de História, graduado pela UECE. É também Pós-Graduado em Docência, pela mesma instituição. Faz parte da Rede Municipal de Educação de Fortaleza e coordena, há 28 anos, do Projeto Confraria de Leitura, que promove leituras diversas e foca a Cultura Nordestina.

O PÁSSARO E AS RÃS

Marcos Abreu

Havia em um lugarejo, um pássaro muito formoso, que costumava sempre fazer seus discursos verborrágicos. Chamava-se: Socram, o infalível. Era sempre respeitado e amado por todas as rãs, que moravam no fundo de um poço, considerado sagrado por Socram, pois era lá que ele fazia seus discursos, e quando ia passear com seus outros amigos, os pássaros menores, ele dizia:

— Eis que podem continuar voando a sós, vou descer até o poço sagrado para fazer o meu saudoso discurso para as minhas queridas e amigas rãs.

Socram era astuto e perspicaz, em seus discursos eloquentes. Quando começava o período de busca pelo seu alimento, ele abandonava seus companheiros, e caia na farra às custas de suas servas fiéis, as rãs. Ao chegar no lugarejo, as rãs recebiam Socram como um Deus todo poderoso, pois as rãs tinham um sonho muito latente em seus corações, que era o de conhecer outros lugares.

Quando Socram chegava naquele lugarejo e descia até o poço das rãs, um banquete lhe era preparado, tudo do bom e do melhor. As rãs lhe ofereciam: bebidas, comidas, pedras preciosas, e tudo que podiam. Depois de se banquetear, Socram começava seu discurso verborrágico dizendo:

— Amigas e queridas rãs, hoje é motivo de muita alegria estar mais uma vez nesse local maravilhoso com cada uma de vocês. Muito breve irei trazer alguns de meus amigos pássaros e então todos nós embarcaremos juntos, para construirmos um mundo melhor para cada uma de vocês. Não tenham dúvida de que muito breve vocês deixarão esse poço medíocre e conhecerão a beleza dos rios, e até mesmo contemplarão a magnificência dos mares; vocês verão o quanto é lindo o pôr do sol fora dessa escuridão em que vivem. Vocês também verão a grandeza dos céus e poderão contemplar mais próxima a magnitude das estrelas, ah! minhas amigas rãs, não vejo a hora de voarmos juntos para vocês contemplarem dias melhores em vossas vidas tão sofridas.

E as rãs batiam palmas para Socram, e choravam, esperneavam-se e diziam:

— Quando voltas novamente amigo Socram, pois já estamos ansiosas por tua volta.

E o pássaro oportunista saía voando e cantarolando, em breve volto para levá-las comigo.

Depois, que o pássaro saia, as rãs se entristeciam novamente, e continuavam a mesma vida medíocre de sempre, estavam muitas morrendo pela contaminação do poço, queriam partir dali, mas não possuíam meios, nem recursos, e quando se reuniam, ficavam sempre esperando por Socram, que lhes havia prometido um mundo melhor.

Como já fazia muito tempo que Socram não aparecia, as rãs se reuniram e tomaram uma decisão em um Comitê Central, e ficaram aguardando o retorno de Socram. Assim quando bateu a necessidade de Socram se alimentar novamente do suor daquelas rãs, ele partiu imediatamente para o poço no lugarejo, onde há décadas enganava as miseráveis rãs. Ao chegar no lugarejo, aventurou-se logo em busca de suas amigas no sagrado poço. Quando as rãs o viram e ele sentou-se em seu precioso trono, e quando ia começar a discursar, todas as rãs saltaram em cima dele e o depenaram por completo. O pássaro ficou só os ossos, então elas o enterraram e gritaram todas juntas: “Aqui jaz Socram, o nosso Deus Amado”.

Marcos Abreu é poeta e escritor. Autor das obras: "Poesias de um Poeta Louco" (1995), "Nas Teias da Poesia" (1997), "Retalhos Poéticos", "A Revolução Humana" (2011), "O Rouxinol e a Rosa", "A Coisificação da Sociedade na pós-modernidade", "Versos de Ouro". Antologias: “Poetas da Praça do Ferreira” (2018), "Amor, Música e Poesia". Romance: "O Louco e o Estado.

UMA ROSA DESABROCHOU

Lucirene Façanha

Na rua onde moravam, o casal era apontado como exemplo. Oito filhos. A mãe, busto erguido a transmitir no olhar meigo um não sei que de força. O pai, bigode amplo, olhos pretos dominadores. A cidade respeitava-os na sua vida pacata e trabalhadora.

Ocupavam uma grande casa, feia de fachada, mas que possuía bons quartos, com grandes janelas para uma rua lateral à esquerda. Um quintal vasto onde as crianças podiam traquinar à vontade.

O dia quente fazia a mãe suar. Mas terminar algo que começado era prazeroso. Cantava. Alegria imensa ao preparar as roupas do bebê que ia chegar. Era a recompensa que precisava para continuar, desfrutava desse sentimento.

O sol sumia no horizonte, numa beleza digna de ser retratada. O serviço do dia concluído, no banho notou a barriga baixa. Nem pensava nos preparativos para o nascimento. Pelas contas, faltava pelo menos uma semana para ela chegar. Sim, uma menina, mais uma.

Naquele dia o sol despertou de bom humor e invadiu com alegria os quartos a mostrar o caminho da escola para a criançada e os adultos aos seus afazeres.

Durante o preparo do almoço, uma pontada fina cortou a respiração. Pensou que fosse alarme falso, teria se mexido de forma errada. Mas, daí instantes a dor se repetiu, deixando-a suada e desconfortável, como se as pernas não mais a sustentasse. Apoiou-se na mesa e deixou-se escorregar ao chão. A porta bateu. Escutou aliviada a vizinha a pedir algo, a encaminhou com urgência a chamar a parteira e o pai no trabalho.

Rosa veio. Uma testa límpida, reta. Um olhar doce como da mãe. Havia, porém, algo mais. Logo recebeu o apelido de *inventadeira*. Cheia de criações, formas particulares de se expressar.

A cidade grande os abraçou. Mudanças de toda ordem. Família unida. Laços estreitados.

A flutuante poesia das coisas, das arvores, dos pássaros, das nuvens, arrebatava o olhar de Rosa a embalar seus dias, guiar seus passos, nas artes das palavras. A cidade se faz pequena para o talento e a arte de criar da menina inventadeira.

TRISTEZA NÃO TEM FIM

A tristeza não cabe em mim
Atravessa portas, enche armários
De muito pertencer
Não sou de lugar nenhum
Não sou Severino, mas sou Maria
Não vou para Pasárgada
Quero o ouro da minha terra
Que levaram desse lugar
Quero a música de Calé
O céu de Pingo
O encontro dos maracatus
Para um carnaval feliz.

Lucirene Façanha é graduada em História com Especialização em Ensino. Participa de diversas coletâneas. Foi agraciada com os prêmios Ideal Clube, IFPB. E-book na Amazon: *O Elo e Silêncio sobre o Algodão*. Físicos: *O homem na janela e hecatombe*. Vice-Presidente da ACE (Assoc. Cearense de Escritores). Participa dos grupos de leitura *Conversa* e CPLI. Articuladora do *Mulherio das Letras*.

OS MALDITOS

Péricles Melo

O jovem Rimbaud, poeta francês, ainda exerce um grande fascínio no mundo das artes, conhecido por sua poesia visionária e revolucionária, que desafiou as convenções literárias de sua época.

A Sociedade parisiense em meio a tantas regras, às vezes impraticáveis, vê na arte de Rimbaud uma expressão libertária que ousou romper com os costumes de sua época. Ele é um poeta selvagem no seu estilo próprio, eclipse total onde a colisão da luz com as sombras fomenta uma totalidade holística.

Foto: Rimbaud. Divulgação

Nesse eclipse total o poeta Rimbaud se mostra entre santo e ao mesmo tempo de natureza selvagem, entre profeta e um alucinado, entre o sóbrio e o louco. Ao romper com a sua própria origem de poeta parnasiano convive com alguns poetas boêmios de Paris, à procura de um simbolismo próprio, e os poetas de sua época não recebem muito bem que um jovem de pouca idade queira revolucionar a estética literária que predominava no mundo intelectual de Paris. Rimbaud teve uma vida aventureira, viajando pelo mundo e se dedicando ao comércio e outras atividades. Quando volta à Paris e as pessoas lhe perguntam se ele era parente do poeta que caiu como um relâmpago chamado Rimbaud, ele nega e diz não conhecer tal pessoa. Ao negar a própria obra, causa um grande impacto na literatura da França e faz dele um poeta cult e existencialista que cospe na sua própria obra de arte.

De Rimbaud cria-se um mito que o imortalizou. Um poeta que inspirou Jim Morrison, cantor da contracultura, o poeta Renato Russo e outros mais que usaram a palavra para romper não só com sentimentos convencionais como extrapolar a razão de ser. Só poetas como eles se exercitaram com seu verdadeiro livre arbítrio, indo ao limite da palavra buscar a sua talvez essência, essência essa de amor e dor, como um grito adolescente, como o novo e ao mesmo tempo esse novo se vai como se fosse velho. Por isso que Rimbaud foi considerado um poeta que caiu como relâmpago e absorvido pela terra, entra na categoria dos *Poetas Malditos*.

Rimbaud é uma fonte de inspiração e com ousadia, rebeldia rompe com a linguagem comum e a leva a outro patamar. A dor de um andarilho, a dor de um mendigo, a dor de um viciado, rompendo a palavra no meio, onde não interessa o bem ou mal, nem a luz nem a sombra, apenas a palavra dita que nos leva a outra esfera da consciência. Rimbaud continua vivo por ter sido mais ousado, mais corajoso e mais jovem, e ao mesmo tempo envelhecido rápido demais como diria em uma de suas frases “eu tenho tanta sede que beberiam o rio todo”.

Sobre Rimbaud

Nome Completo: Jean Nicolas Arthur Rimbaud. Data de Nascimento: 20 de outubro de 1854. Local de Nascimento: Charleville, França. Data de Falecimento: 10 de novembro de 1891. Local de Falecimento: Marselha, França. Contribuições Literárias: Rimbaud é conhecido por sua poesia visionária e revolucionária, que desafiou as convenções literárias de sua época. Suas obras mais conhecidas incluem "Une Saison en Enfer" (Uma Temporada no Inferno) e "Illuminations". Ele começou a escrever poesia

desde muito jovem e foi um prodígio literário, publicando grande parte de sua obra antes dos 20 anos. Rimbaud teve uma intensa e conturbada relação com o também poeta Paul Verlaine, que influenciou significativamente sua vida e obra. Estilo e Influências: Sua escrita é caracterizada por uma linguagem ousada, imaginação vívida e temas que exploram a liberdade, a rebeldia e o misticismo. Ele é frequentemente associado ao movimento simbolista, embora sua obra também tenha elementos que antecipam o Surrealismo e outras vanguardas do século XX. Vida Posterior: Após abandonar a poesia aos 21 anos, Rimbaud teve uma vida aventureira, viajando pelo mundo e se dedicando ao comércio e outras atividades até sua morte prematura aos 37 anos devido a um câncer.

Música da Banda The Doors para o poeta Arthur Rimbaud:

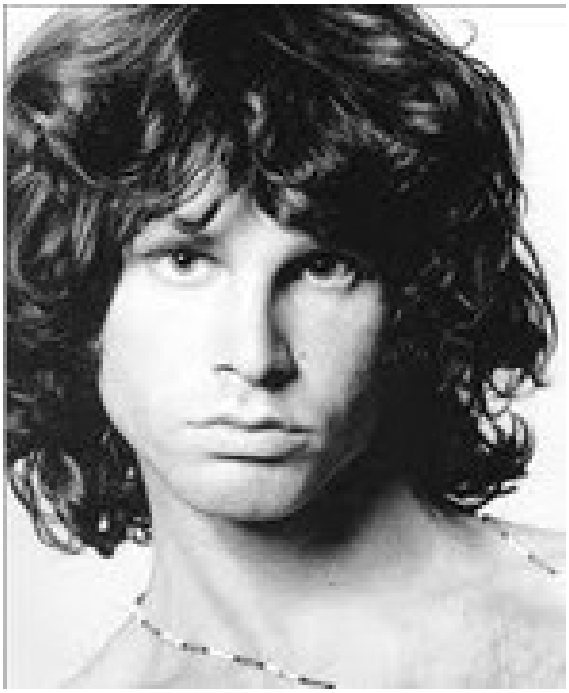


Foto: The Doors. Divulgação

Tudo bem
Criança selvagem cheia de graça
Salvadora da raça humana
Seu rosto frio
Criança natural, criança terrível
Não é filha de sua mãe nem de seu pai
Nossa filha, gritando selvagemente
Um ancião lunático reina
Nas árvores da noite
Com fome nos seus calcanhares
E liberdade nos seus olhos
Ela dança de joelhos
Príncipe pirata ao seu lado
Olhando nos olhos vazios do ídolo
Criança selvagem cheia de graça
Salvadora da raça humana
Seu rosto frio
Seu rosto frio
Seu rosto frio

Péricles Melo atua na área de Humanas como professor de História. Tem interesse pela Literatura Clássica e, como influência, a poesia parnasiana.

QUINAS

Anderson Silva

Aos meus alunos Daniel, Denis, Jamile e João Gabriel, por me possibilitarem lembrar.

Sob a névoa que encobria o pacato lugarejo da serra cearense, alguns meninos juntavam-se nas calçadas das ruas mais isoladas à noite para aprontar um dos divertimentos mais extasiantes proporcionado pelo inverno.

Saiam sempre por volta das 20h. A diversão não começava tão cedo, mas transpassava a madrugada, principalmente para aqueles que desafiavam a autoridade dos pais. O grupo só iniciava o entretenimento depois que todos chegassem e iam, em silêncio, para algum canto afastado da localidade, onde as buzinas das motos ou a supervisão dos mais velhos não pudessem atrapalhar o passatempo.

Escolhido o lugar, os inseparáveis membros daquele Clube do Bolinha sentavam magistralmente no meio-fio e entreolhavam-se nervosos, com a expectativa alucinando as cabeças vadias.

Só um deles irrompia a inércia de membros tensos e ansiosos: o líder, o mais habilidoso dentre a gangue de meninos perdidos da Terra do Nunca. Ele, com altivez, vasculhava os bolsos do casaco a procura do objeto que garantiria uma experiência empolgante para a turma. Mexeu, mexeu e encontrou. Os olhos dos demais estavam atentos, arregalados. Ele então mostrou o objeto precioso aos escudeiros.

Na luz amarelada do poste de energia, o apito vermelho de plástico ganhava um aspecto imponente, quase misterioso. Era preciso antes cumprir um protocolo que antecedia a recreação: o chefe abria o pequenino brinquedo e retirava uma esfera também de plástico para que o silvo soasse mais prologado e limpo. Pronto! Ninguém falava mais depois desse gesto de iniciação. Todos eram olhos e ouvidos para qualquer movimento inesperado que assombrasse a paisagem noturna.

Somente os pios do apito elevavam-se naquela noite nebulosa. Os vizinhos das casas mais próximas ficavam danados com os pestinhas que, mais uma vez, perturbavam a calmaria do sono com os seus assobios constantes, que durariam até o fim do período chuvoso.

Os pios varavam a noite e chamavam a atenção de outros seres além dos moradores incomodados. Atento e hipnotizado pelo barulho do apito, aparecia de repente, o pai-Luiz: uma avezinha noturna, de penugem cinza-esverdeada, de olhos e pernas vermelhas e de bico bicolor. O pássaro, chamado ainda de galinha d'água, era uma iguaria apreciada pelos adolescentes, mais pelo esporte de capturá-lo do que pela sua carne, que era pouquíssima no peitinho magro.

Mas, ludibriado pelo canto de um possível pretendente amoroso na época fria do acasalamento, o pobre animal caía na armadilha. Era um alvoroço quando o bicho baixava voo e, atordoado pela correria e gritos dos garotos, se chocava contra a parede de alguma casa ou contra o calçamento da rua.

As mãos mais ligeiras capturavam a avezita que, assustada, tinha o coração aos pulos; mas não sem esforço, lutava até o fim, pois, sendo livre, se agarrava ao direito de uma vida ordinária. Ela teimava em descer, voava em ziguezague e, quando apanhada, recorria às fracas bicadas que arrancavam gargalhadas dos seus algozes. Mas raros eram os momentos que a sorte sorria a favor do passarinho e permitia que sua existência se estendesse por mais alguns momentos.

Depois da captura, o vitorioso teria que realizar uma ação que balançava o coração até do mais insensível integrante da turma, a sentença final do prisioneiro: sua execução a sangue frio, porque carregar o corpinho inerte era mais produtivo e evitava aborrecimentos, como fugas revolucionárias ou limitações numa próxima

caçada. Assim, estaria garantido o divertimento que corria na noite impassível.

Segurando o bicho pelas perninhas magricelas, o carrasco ia até a esquina mais próxima e, olhando nos olhos miúdos e assustados, com requintes de ultraviolência, batia a cabeça do inocente em uma quina de calçada ou de uma pedra pontiaguda, tornando eterna a noite daquela criatura. A ave, ao se debater agonizando, respingava gotinhas quentes e rubras no local do suplício.

O lazer daqueles moleques reiniciava a partir da pena de morte do condenado e seguia o fio das horas, adentrando na turva madrugada. Eram feitas muitas vítimas por noite, chegando, algumas vezes, às centenas, pois ali existiam outros grupos, outros apitos, outras quinas.

A brincadeira finalizava apenas quando o guardião do apito, pelo horário ou pelo chamado dos pais, partia levando nas mãos e nos bolsos o saldo da traquinagem para, no dia seguinte, depenar, tratar e comer as avezinhas mirradas. Esse jogo se repetia durante todo inverno e, ao final da estação, as esquinas daquele pedacinho de serra ficavam marcadas com vestígios de sangue e de penas.

[...]

Hoje, depois de tanto tempo, o desocupado que andar à noite pelas ruas frias daquele povoado não ouvirá mais o canto apaixonado dos amantes ingênuos e arredios, tão avassaladora é a indiferença proveniente dos corações juvenis.

Anderson Silva é professor, aspirante a escritor e pesquisador de 24 anos, natural de Ipueiras/CE. Com formação em Letras, ministra aulas de Português, Arte e Redação para o Ensino Médio na cidade de Nova Russas/CE, onde reside atualmente.

A FEIRA LITERÁRIA

Lucirene Façanha

A feira literária realizada pelo Governo do Ceará, por meio da Secretaria da Cultura (Secult Ceará), com o objetivo de fomentar o acesso ao livro, leitura e à literatura, estimular a formação de leitores de todas as idades, foi um grande sucesso.

Uma grande celebração do livro, da leitura, da literatura e da biblioteca. A **Festa Literária,** recebida em três cidades: Sobral, Icó e Aracati. Cada edição contou com a realização de diversas atividades, como produções artísticas e culturais da região, atividades formativas e debates com autores, recebendo, por três dias, uma programação diversificada e gratuita, composta de atividades que convidem a fruição e leitura. Consolidou o aspecto, melhores equipamentos culturais, toda a gama de artistas: cantores (gêneros diversos), dançarinos, performistas, palestrantes, escritores, contadores de histórias, cordelistas.

Uma explosão de calor humano, livros e leitores. Cores pulsantes dos artistas que reivindicavam oportunidade para alcançar novos nichos para se conhecer e divulgar suas produções. Dias de riquezas sem fim de palestras, lançamentos de livros, oficinas, apresentações, conhecimentos e amizades. Dias de enriquecimento para uma população que desconhecia o existir de tantas produções e potencialidades de expandir a criação de muitos escritores, transformadores da cultura desse estado.

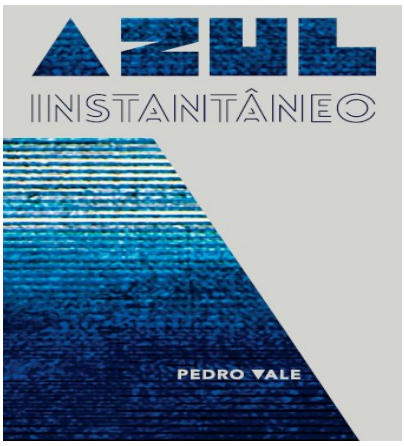
Esperemos o próximo ano e a renovação dos percursos, com a escolha de novas cidades e novos olhares sobre os autores e artistas.

Lucirene Façanha é graduada em História com Especialização em Ensino. Participa de diversas coletâneas. Foi agraciada com os prêmios Ideal Clube, IFPB. E-book na Amazon: *O Elo e Silêncio sobre o Algodão*. Físicos: *O homem na janela e hecatombe*. Vice-Presidente da ACE (Assoc. Cearense de Escritores). Participa dos grupos de leitura *Conversa* e CPLI. Articuladora do *Mulherio das Letras*.

A POESIA DE PEDRO VALE

É preciso viver sem paixões.
Mergulhar no absoluto anonimato,
Permanecer morto ou vivo até o fim.
Aclamar o tumulto escuro e bruto.
Encenar o drama clemente e lento.
Sentir um amor ideal por anjos nebulosos.
Descobrir um novo fundo de poesia e aguardar
uma voz que nos ordene docilmente:
- Não te movas, nem te inquietes,
nem traias o que
ainda não
és.

No
Silêncio
De ouro da
Ponta do Pargo,
Por um fio não
Desci para a
Gruta ida
De t
I
.
.



Cisma
Em mim um
Conceito,
Quase uma
Ordem estabelecida.

- o desejo.

Quanto
Menos o
Pratico,
Mais
se manifesta e me
surpreende por
excitante e novo.

Glicínias.

Pedro Vale vive no Funchal, na Ilha da Madeira, desde 2002 onde é professor de primeiro ciclo. Cursou Ciências da Cultura na Universidade da Madeira entre 2014 e 2017. O seu primeiro livro - «Azul Instantâneo» - foi lançado em dezembro de 2017, tendo esgotado rapidamente. O autor tem divulgado a obra desde então, com o objetivo de realizar uma segunda edição.

O PESO MORTO DE PAPEL

Anderson Honorato

Em um pulo breve no mundo dos vivos, um ser entrou sob palavras de maldição.
Tão pequeno indefeso não sentiu o calor materno e nenhum uma mama lhe alimentou.
O frio desse mundo foi o único que o abraçou, carinhos não teve, nem toques suaves o acariciou.
Só mãos de borrachas a lhe apertar, estranhas essas eram as únicas a se preocupar.
Seu fôlego cada vez mais fraco, só os estranhos estavam empenhados.
O sangue materno sem amor torcia sem parar para tudo se findar tão rápido como no gozo que ela sentiu em dar.
Por fim seu coração parou e mais papel gerou. De registro de nascimento a morte teve que ser emitido, o nome foi obrigado a receber mesmo sem ninguém querer chamá-lo.
Nessa breve passagem pela terra dos vivos, experimentou o ódio de quem deveria amar, ao amor de estranhos que por conta de papéis, carimbos e registros levou a encontrá-lo.

Anderson Honorato, escritor cearense, teve seu primeiro poema publicado no ano de 2013. Seu primeiro livro de poemas se chama: *Mergulho no meu Eu*, foi publicado em 2021. A segunda edição foi lançada em 2024. Escreve contos de terror e horror tendo muito de suas histórias narrada por uma rádio gaúcha. Participa de antologias e se aventura na Literatura de Cordel. Participou da Feira Literária do Ceará, lançando seu livro de poesias na cidade de Icó e Aracati.
Instagram: @honoratopoeta

COLUNA MOSAICO ARTÍSTICO-CULTURAL

Elaine Meireles*

A **Coluna Mosaico Artístico-Cultural** contempla a riqueza enraizada na diversidade racial, artística, social, geográfica, cultural, econômica, religiosa, espiritual e intelectual das várias regiões do Brasil (Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste). Ressaltando novas tendencias culturais e apelos da contemporaneidade, no que concerne à Literatura, Música, Cinema, Teatro, Pintura, Dança, Fotografia, Artes Digitais, esperamos contribuir cada vez mais para a solidificação da Arte, da Arte Brasileira. E somente o tempo para constatarmos!

I. Observando e Aprendendo com o tempo

O tempo

O tempo.
O tempo e o momento.
O tempo, o momento, o relógio.
O tempo no momento.
O momento no relógio.
O relógio batendo no vasto tempo.
O tempo passando, o momento minguando, o relógio parando.
E o tempo é o tempo.

Janaina Menezes – graduada em Letras pela UFC (Universidade Federal do Ceará), pesquisadora, poetisa.

II. A Arte em Família: poesia, prosa, pintura e fotografia

Coração pé de mundo

Fui atingido por um sentimento puro
Dentro do carro, em um trânsito mudo
E se a nossa casa fosse tudo?
E se o quintal todo dia diferente?
A minha cabeça pede mundo.
E o corpo faz o que a cabeça sente
Bom mesmo é cheiro de viagem.
Melhor ainda, "poder o que quiser!"
Não me recolher aos que não agem...
Nem a apenas "querer o que puder".
Não me importo se é miúdo...
Só quero ver tudo em minha janela.
Encher o peito de ar puro.
Viver sem tranca, sem taramela.
"Não tire o pé da estrada.
Liga o motor e pisa fundo!"
Sentimentos que meu peito brada.
Em meu coração pé de mundo!

Franklin Tandy – Pernambucano, filho de Valeria Acioly. Cientista da computação, gerente geral de informática da EMPREL. Multiartista, canta, toca teclado, percussão, pinta, esculpe, escreve e fotografa.

Nos Caminhos do Pé de Mundo

Era um tempo estranho, tudo se transformava em nada e nada era mais importante do que a vida.
Penso que é assim que precisa ser.
A pandemia derrubou por terra tudo. Ninguém era melhor do que ninguém... O dinheiro ou a falta dele, não dividia mais a humanidade.
De repente entendemos que a vida era mais importante do que coisas materiais...
Fazia uns anos que meu esposo tentava me convencer em comprarmos um motorhome e eu achava que precisávamos trabalhar e coisa e tal, quando veio a pandemia e logo entendemos que valeria muito mais curtir a vida viajando e morando num trailer de viagem.
Optamos por uma vida minimalista e compramos um trailer velho de um circo falido.
Ali morara um palhaço e agora morariam dois.
Fizemos a reforma em 3 meses de trabalho duro e partimos para as aventuras.
A casa era pequena, mas o quintal seria o mundo.
A cada viagem, descobrimos as belezas naturais e conhecemos as belezas existentes em cada pessoa.
Por onde passamos deixamos um pouco de nós e levamos um muito de todos que passam em nossos caminhos.
Deixamos atrás de nós um rastro de luz que ilumina os caminhos que teremos a seguir.

Valeria Acioly - alagoana, mãe de Franklin **Tandy**, escritora, fotógrafa, circula o Brasil com o esposo, no trailer "**Pé de Mundo**", nome também de seu canal no YouTube.

II. Cine em Cena: Poesia sobre o filme "A Filha Perdida", adaptação do romance homônimo da escritora italiana Elena Ferrante

A CASCA DA LARANJA

"Uma mãe não é nada além de uma filha que brinca".

Brinca de contar sua história
De posse, de perda
Ditos, não - ditos
Maldições e bençãos

De visitar, reeditar
O que disseram de si
Do que fez com isso
E do que disso dirá
Com letras, imagens e cenas...

De sonhar, adiar, negar
E desdizer o desejo de ser mãe:
De várias maneiras!...
De revirar-se e ser revirada pelo avesso, do avesso, do avesso...

Nem padecer no paraíso
Tampouco gozar dos infernos
Contorcer-se em espiral
Como a casca ininterrupta da laranja
Que liga, desliga, religa...*ad eternum*

Gorette Rodrigues – Psicóloga, Psicoterapeuta de Orientação Psicanalítica, Professora Especialista em Educação Inclusiva, poeta, bailarina. Publicações em: ***Fios da Teia*** (org. Flávia Suassuna); nas coletâneas do ***Projeto Rede Solidária*** (org. Zeca Lemos); ***Revista Sarau***; ***Poemas para Celebrar a Vida*** (org. Nonato Nogueira). Publicou poemas na ***Coletânea Costurando Vivencias***. Residente em Recife. @gorettepsi

https://www.instagram.com/cineemcena_psi?igsh=dXlqaTM3Zmg1czVj

II. Plantando Ideias e Colhendo Frutos

Plantando com as Árvores Arteiras

Eu publiquei o meu livro infantil O CARVALHINHO SOLITÁRIO, sobre desmatamento, em 2011. Fiz um boneco de pano do personagem Carvalhinho Jr. para me acompanhar nos eventos literários de divulgação do livro. Eu comentava com o público sobre a urgente necessidade de plantarmos cada vez mais árvores pelo mundo inteiro..., mas faltava algo!

Sim, claro, faltava eu plantar as árvores! Foi então que aconteceu uma enchente no condomínio onde moro que alagou 6 blocos e meus vizinhos perderam tudo. Indagando os motivos do alagamento, descobri que de uma cachoeira no alto do morro próximo até o meu condomínio tudo é cimentado, asfaltado, sem-terra exposta! É claro que não havia como a água ser absorvida antes de chegar até lá embaixo. Isso me fez perceber a necessidade de espaços gramados e com árvores nas regiões urbanas...

Resolvi colocar a mensagem do meu livro em prática e em fevereiro de 2018 convidei três amigos para um café e expliquei-lhes a minha ideia de criar um grupo de plantadores de árvores com nossos amigos artistas (escritores, contadores de histórias, cantores e músicos). A ideia era a de organizarmos plantios com momentos artísticos em que falaríamos sobre a natureza e a urgência de plantarmos árvores. Eles toparam me apoiar e desde então as Árvores Arteiras tornou-se um grupo flexível de Amigos e sempre que possível fazemos plantios-artísticos reunindo criançada e público em geral, afinal todos nós temos que nos engajar...

Já representei as *Árvores Arteiras* nos *Encontros Nacionais de Plantadores de Árvores em 2020 e 2021* on-line e presencialmente em 2022 em Vitória/ES. Durante a pandemia fizemos campanha com as pessoas que moravam em casa com terreno para plantarem ao menos uma árvore e batizá-la de **Árvore Arteira**!!! E assim seguimos por aí plantando mudas e declamando poemas, fazendo cantorias, contando histórias para celebrarmos as árvores!!! E vocês, queridos leitores, já plantaram a suas árvores???

Ana Esther Balbão Pithan - Graduada em Letras/Inglês (UFRGS), Mestre em Língua e Literaturas de Língua Inglesa. Cursou Inglês na Inglaterra e na Austrália. Foi Professora na UPF, na UNERJ e na UNIVILLE. Criou os personagens *O Pelicano*, a *Mega Vó*, a *Profa. Coruja-Buraqueira*, *Anamasthêr e a Meditação do Chimarrão*, fruto de seus 3 e-books e 11 livros publicados. Coordena o Grupo de **Árvores Arteiras** (plantadores de árvores) e o **Clube de Leitura do Pelicano**.

JUSSARA ROCHA KOURYH

40 anos de contribuição e de atuação cultural e literária

Conheci Sara (Jussara Rocha Kouryh), em um período que o mundo vivia os efeitos das revoluções desencadeadas pelo **Maio de 1968** na França, e nosso país vivia um conturbado período.

Nossa geração agitava-se politicamente e contestando os costumes da sociedade, buscava valores que nos dessem sentido à vida. Foi nos idos de 1976/1977, em Igarassu/Pernambuco, quando eu cursava Letras na UFPE (Universidade Federal de Pernambuco) e Recife, tanto quanto o Brasil fervia de manifestações, protestos e contestações contra sucessivos acontecimentos dramáticos que ocorreram nas ruas, nas praças, nas faculdades, nas repartições. Sentíamos que era essencial contribuir para a construção de um mundo melhor, mais justo, igualitário, democrático. Alimentadas por ideias positivas, construtivas e por um ideal que justificasse nosso empenho, nos lançamos em atividades socio-espirituais, que nos levaram a conhecer as dificuldades e necessidades da comunidade em que vivíamos e daquela que nos cercava. Aprendíamos uns com os outros, e assim surgiu um novo olhar que nos fez acolher pessoas expulsas de suas casas por conta das enchentes do Recife, nos impulsionou a construir a Escola Santa Maria, o galpão da cerâmica e da serraria, trabalhávamos na agricultura (em Igarassu), enfim, toda essa experiencia nos ajudou a sedimentar e fortalecer nossos valores e caráter.

Décadas se passaram... e eis que reencontro Jussara Rocha Kouryh. Aliás doutora Jussara Rocha Kouryh. Ontem plantamos sementes, hoje, colhemos frutos. Sara completa 40 anos de atuação cultural e literária. Com farta produção literária, mais de 30 livros publicados, circula por vários gêneros literários: coleções sobre a **História do Brasil Afro-indígena** (4 volumes), **Conceitos sem preconceitos** (6 volumes), **História de Municípios Pernambucanos** (*Caruaru, Palmares, Recife, Jaboatão dos Guararapes*, ...), **Literatura Infantil** (*Biu, o passarinho maluco; O circo; Um voo diferente*; ...), **Literatura Infantojuvenil** (*O dono dos pés, Jogo de máscaras, Os quatro reis;* ...), **Romance** (*Sophia, Testamento, Na palma da mão*, ...), **Produções Cientificas do Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da UNICAP** - Universidade Católica de Pernambuco (*Em nome do Pai ... a negação de crenças* - Dissertação de Mestrado-, e *A mística cristã de Chiara Lubich* - Tese de Doutorado).

Jussara Rocha Kouryh por Jussara Rocha Kouryh

Foto: Divulgação

Sou filha de João e Elisete. Nasci em Palmares-PE, cidade cravada no eito da cana. Desta aprendi que doçura e rudeza fazem parte do cotidiano da vida e que, portanto, a arte de viver consiste em se lambuçar no mel para adoçar, o quanto possível, o que de amargo e insípido a vida possa nos trazer.

Da escrita, apenas o sonho de contribuir com a construção de um mundo melhor, mais humano, mais justo.

E tudo começa com o sonho...

O sonho de ser gente...

O sonho de crescer...

O sonho de conhecer outros mundos...

O sonho de viver um grande amor...

O sonho de ser um ou uma profissional de respeito... Para realizar sonhos... Ter a coragem de sonhar sempre... Descobrir os caminhos... Ter a coragem de percorrer os caminhos... Os caminhos da escrita... Sem perder a ética... Sem perder o respeito... Sem desistir do sonho...

Qual o meu sonho?
Colocar a minha escrita a serviço do bem.

Dissertação de Jussara Rocha Kouryh*: Em nome do Pai... A negação de crenças* perpassa pelas raízes antropológicas do preconceito religioso no Brasil, sob a luz do pensamento de Darcy Ribeiro, além da contribuição de outros mestres como Roger Bastide, Octavio Paz, Tzvetan Todorov, Eduardo Hooneart, Gilberto Freyre, para tentar compreender como um país tão plural quanto o nosso é, ao mesmo tempo, tão preconceituoso em todos os níveis de relações sociais, assim como no que se refere às práticas religiosas afro-brasileiras. Longe de ser uma tentativa de justificação, o que se propõe é a construção de outro tipo de relação com nossas matrizes originantes: o índio, o luso e o negro. Somente assim, a partir do conhecimento que gera respeito, conquistaremos nossa identidade brasileira também no aspecto religioso.

Tese de Jussara Rocha Kouryh: *A Mística Cristã de Chiara Lubich*, apresenta ao público a fundadora do Movimento dos Focolares. A autora oferece um olhar novo sobre a vida de Chiara, nascida em Trento, no Norte da Itália, em 22 de janeiro de 1920. Em sua escrita, Jussara expõe, a partir de um estudo sobre mística, aquela que emergiu da experiência cristocêntrica vivida por Chiara e suas primeiras companheiras, sobretudo durante o período da Segunda Guerra Mundial.
Qual a novidade? A constatação do surgimento de uma mística que brotou coletivamente e de olhos abertos para a humanidade inteira, que rompeu muros e aproximou povos de culturas e de religiões diversas.
A Mística Cristã de Chiara Lubich é um texto-convite para adentrarmos os mistérios do Sagrado, lado a lado com homens e mulheres, independente de suas orientações, escolhas, classes sociais, escolaridades, raças, etnias, credos, incredulidades...

Convido todos a conhecer um pouco melhor essa jornalista, articulista, escritora, compositora, cantora... doutora em Ciências da Religião, multiartista Jussara Rocha Kouryh (jussara.kouryh@gmail.com). Ela estará dia 1 de setembro, no CEU (Centro Espiritual Uirapuru), autografando mais um livro seu: *A mística cristã de Chiara Lubich*.

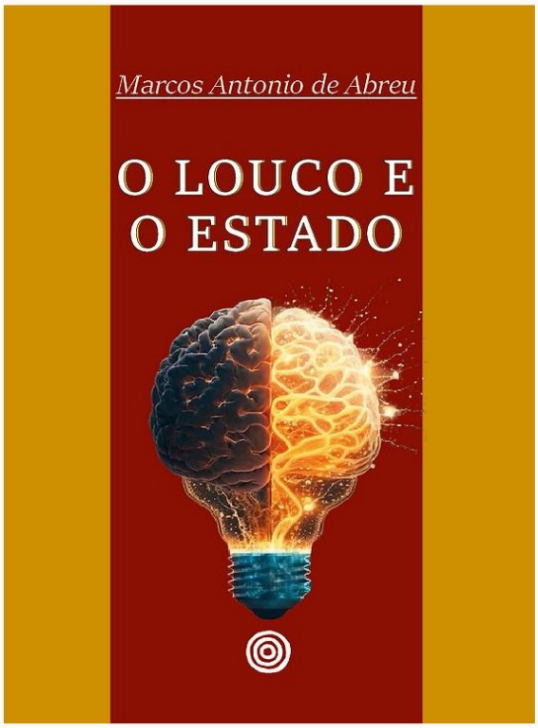
(*) Elaine Meireles – Especialista em Literatura Luso-Brasileira, articulista da Revista Sarau, Professora Tutora da UFC/IFCE. Autora da ***Coletânea Lápis Afiado*** (*Análise de livros indicados para o vestibular; Estilos Literários Brasileiros*.); ***Português – Vestibulares & Concursos***. Participação nos livros ***Vivencias de Leitura*** – *uma análise linguística-literária das obras* (org. Lucineudo Machado). **Contato: ponchetart1@gmail.com**

CIRANDA CULTURAL

O homem que morava dentro de si

O livro "O homem que morava dentro de si" foi lançado no dia 7 de agosto de 2024, às 19 horas, no Teatro Chico Anysio, localizado na Avenida da Universidade, 2175, bairro Benfica, em Fortaleza–CE. No lançamento, o professor Djacyr de Souza fez uma performance sobre o personagem central do livro, o poeta Mário Gomes. Na ocasião, a professora Luiza Pontes fez a leitura dramática de um dos contos do livro. O livro faz uma homenagem ao poeta da Praça do Ferreira, que no ano de 2024 faz dez anos de sua morte. Para preservar a memória do poeta andarilho, o autor reúne 18 contos sobre a vida e a obra do poeta da Praça do Ferreira.
A apresentação do livro foi escrita pelo poeta Costa Senna e o prefácio pelo escritor e diplomata Márcio Catunda.

Nonato Nogueira é autor de três livros de poemas, publicados de forma independente. Escreve poemas e crônicas. Seu último trabalho é o livro de poemas filosóficos A solidão de Nietzsche, publicado pela Caravana Grupo Editorial em 2023.



O Louco e o Estado

O livro "O louco e o Estado" foi organizado em dez breves capítulos. Ao longa dessa trajetória, os mais diversos aspectos da cena social corrente são examinados por ângulos singulares, com uma linguagem que expõe e torna aguda a sensação de falta de limite entre a loucura e a lucidez. A ideologia, a filosofia, a economia, a religião, a paixão humana, a família, o poder, tudo vai sendo despido e examinado de forma surpreendente. Pilantrocit é a cidade onde os eventos se desdobram – o louco vence uma eleição e assume. Ao final, a ideia do Homem Superior.

O livro 'O Louco e o Estado', de autoria de Marcos Abreu, foi lançado em 2019, pela editora Expressão Gráfica, com 76 páginas e prefácio do escritor Dimas Macedo.

https://revistasarau2.wixsite.com/website